O ROSACRUZ

EDIÇÃO ESPECIAL

MAIO / 2023

ISSN 2318-7107

Árvore da Vida-Sephiroth

CABALA

Se você
deseja conhecer mais a fundo
o tema da Cabala, da Árvore
da Vida e assuntos correlatos
explicados de forma metodológica,
convidamo-o a tornar-se um
estudante Martinista afiliando-se
na Tradicional Ordem Martinista -
TOM

Escaneie o QR Code abaixo e tenha
acesso imediato ao livreto Luz
Martinista, onde você mergulhará
na
fascinante história
da Ordem Martinista.
Prepare-se para
uma jornada
transformadora
rumo à
iluminação e ao
despertar do seu
potencial interior.

Vale esclarecer que o Martinismo (TOM) é uma escola de filosofia administrada pela Antiga e Mística Ordem Rosacruz - AMORC, e por esta razão somos reconhecidos como Martinistas-Rosacruzes

© AMORC

Prezados fratres e Sorores

Saudações Rosacruzes!

Espero que esta edição especial de "O Rosacruz" os encontre bem e com saúde.

A revista O Rosacruz é um veículo de comunicação luminoso, pois é planejada para acrescentar conhecimento ao membro estudante. Abrange Misticismo, Ciência e Cultura, ou seja, percepções, epifanias e revelações interiores típicas do místico, as investigações metodológicas comuns à ciência e tudo aquilo que o ser humano faz, peculiares à cultura.

Segundo o Dr. H. Spencer Lewis, na qualidade de estudantes rosacruzes, somos pontos de interrogação ambulantes, ou seja, temos naturalmente uma inclinação especial para questionar, que finda nos trazendo conhecimento.

Esta publicação de "O Rosacruz" é uma - Edição Especial, pois é o resultado de uma tradução do *Rosicrucian Digest* intitulado *Kabbalah* publicado pela Grande Loja da Jurisdição de Língua Inglesa para as Américas sob a supervisão da Soror Julie Scott - Grande Mestre, que traz interessantes e profundas reflexões sobre a Cabala.

Soror Julie nos autorizou disponibilizar esse rico conteúdo clássico e universal da filosofia judaica a todos os membros de nossa Jurisdição de Língua Portuguesa. Tendo em vista tratar-se de um sólido periódico que oferece aos nossos fratres e sorores americanos excelentes artigos de várias pesquisas esotéricas, este, em especial, traz uma introdução esclarecedora sobre a aspectos relevantes do misticismo judaico. É uma edição única que explora a tradição recebida da Cabala desde seus primórdios até seus desdobramentos práticos nos dias atuais.

Espero que todos apreciem sua riqueza místico-filosófica e apliquem suas reflexões para o desiderato de sua missão de vida e o engrandecimento de nossa Ordem.

Com meus melhores votos de Paz Profunda.

Sincera e fraternalmente
AMORC-GLP

Hélio de Moraes e Marques
GRANDE MESTRE

nesta **edição**

ORosacruz Edição Especial

04 Cabala um Breve Panorama
Por JOSHUA MAGGID, PhD, FRC

10 Introdução ao Sepher Yetzirah
Por ARIEL KAPLAN

14 Sepher Yetzirah - Versão Longa Traduzida de um Manuscrito Rosacruz
Por STEVEN ARMSTRONG, FRC

20 A Lenda da Palavra Perdida
Por RALPH M. LEWIS, FRC

23 Três Meditações Cabalísticas do Sepher Yetzirah
Por JULIE SCOTT, SRC

28 Simbolismo Masculino e Feminino na Cabala
Por LLOYD ABRAMS, PhD, FRC

36 Pico Della Mirandola e a Cabala
Por NICHOLAS GOODRICK CLARKE D.. PHIL.

42 A Ordem Cabalística da Rose-Croix
Por CRHISTIAN REBISSE, FRC

46 A Cabala Tradição Secreta do Ocidente
Por PAPUS

52 A Cabala e a Cosmologia Contemporânea: Descobrindo a Ressonância
Por DANIEL C. MATT, Ph.D

O Rosacruz
Edição Especial

Publicação EDIÇÃO ESPECIAL
Tradução da original Rosicrucian Digest Volume 90 Número 2 de 2012 - KABBALAH

ORDEM ROSACRUZ, AMORC
Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa
Bosque Rosacruz – Curitiba – Paraná

Propósito da Ordem Rosacruz

A Ordem Rosacruz, AMORC é uma organização de caráter templário, místico, cultural e fraternal, de homens e mulheres dedicados ao estudo e aplicação prática das leis naturais que regem o universo e a vida.

Seu objetivo é promover a evolução da humanidade através do desenvolvimento das potencialidades de cada indivíduo e propiciar ao seu estudante uma vida harmoniosa que lhe permita alcançar saúde, felicidade e paz.

Neste mister, a Ordem Rosacruz oferece um sistema eficaz e comprovado de instrução e orientação para um profundo autoconhecimento e compreensão dos processos que conduzem à Iluminação. Essa antiga e especial sabedoria foi cuidadosamente preservada desde o seu desenvolvimento pelas Escolas de Mistérios Esotéricos e possui, além do aspecto filosófico e metafísico, um caráter prático.

A aplicação destes ensinamentos está ao alcance de toda pessoa sincera, disposta a aprender, de mente aberta e motivação positiva e construtiva.

AMORC
ORDEM ROSACRUZ
GRANDE LOJA DA JURISDIÇÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Rua Nicarágua 2620 – Bacacheri
82515-260 Curitiba, PR – Brasil
Tel (41) 3351-3000 / Fax (41) 3351-3065
www.amorc.org.br

Os textos dessa publicação não representam a palavra oficial da AMORC, salvo quando indicado neste sentido. O conteúdo dos artigos representa a palavra e o pensamento dos próprios autores e são de sua inteira responsabilidade os aspectos legais e jurídicos que possam estar inter-relacionados com sua publicação.

Esta publicação foi compilada, redigida, composta e impressa na Ordem Rosacruz, AMORC – Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa.

Todos os direitos de publicação e reprodução são reservados à Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis, AMORC – Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa. Proibida a reprodução parcial ou total por qualquer meio.

As demais jurisdições da Ordem Rosacruz também editam uma revista do mesmo gênero que a nossa: *El Rosacruz*, em espanhol; *Rosicrucian Digest* e *Rosicrucian Beacon*, em inglês; *Rose+Croix*, em francês; *Crux Rosae*, em alemão; *De Rooz*, em holandês; *Ricerca Rosacroce*, em italiano; *Barajuji*, em japonês e *Rosenkorset*, em línguas nórdicas.

expediente

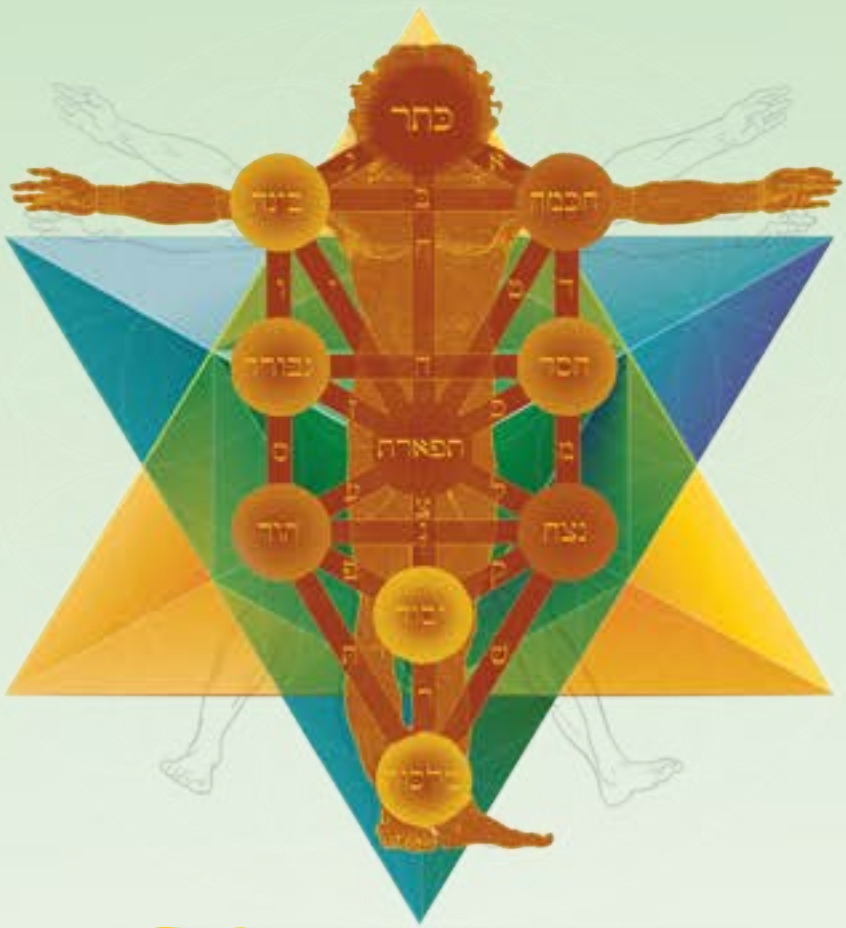
- **Coordenação e Supervisão:** Hélio de Moraes e Marques, FRC
- **Editor:** Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa
- **Colaboração:** Estudantes Rosacruzes e Amigos da AMORC
- **Diagramação:** Léia Regina Nascimento Guimarães

como colaborar

- Todas as colaborações devem estar acompanhadas pela declaração do autor cedendo os direitos ou autorizando a publicação.
- A GLP se reserva o direito de não publicar artigos que não se encaixem nas normas estabelecidas ou que não estiverem em concordância com a pauta da revista.
- Enviar apenas cópias digitadas, por e-mail, CD ou DVD. Originais não serão devolvidos.
- No caso de fotografias ou ilustrações, o autor do artigo deverá providenciar a autorização dos autores, necessária para publicação.
- Os temas dos artigos devem estar relacionados com os estudos e práticas rosacruzes, misticismo, arte, ciências e cultura geral.

nossa capa

A nossa capa traz a ilustração da sephirot a árvore da vida. A árvore da vida é um símbolo sagrado, cujo significado perpassa pela fecundidade e imortalidade. Está associada à criação do universo, representando a ligação entre vários planos, como a terra, o céu e também o submundo.



Cabala

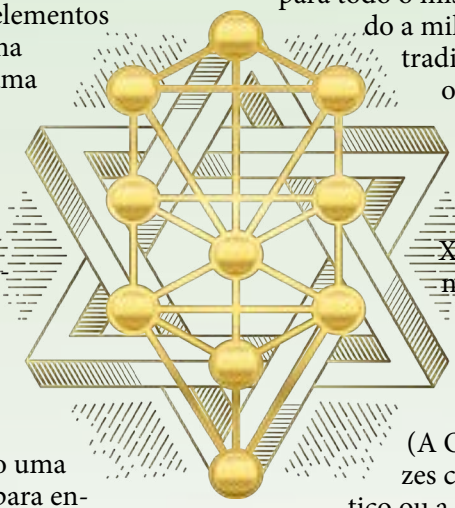
Um Breve Panorama

Por **JOSHUA MAGGID, Ph.D., FRC**

Existem fortes conexões com a Cabala no Rosacrucianismo e no Martinismo, e a Cabala permanece sendo um importante aspecto dos ensinamentos da Ordem Rosacruz - AMORC, e da Tradicional Ordem Martinista - TOM. Neste artigo, Joshua Maggid, estudante rosacruz e martinista de longa data, que tem estudado a Cabala por muitos anos, apresenta um breve panorama da Cabala, incluindo as Cabalas Judaica, Cristã e Hermética.

Para os que iniciam os estudos sobre este assunto, a Cabala pode ser difícil e confusa. Diferentes livros dizem diferentes coisas. Dois livros de Cabala podem abordar tópicos completamente diferentes, ou podem fornecer definições e interpretações conflitantes do mesmo material. Além disso, autores usam grafias diferentes em inglês ou português para o mesmo termo hebraico.

Uma das razões para isso é que existem vários sistemas e tradições diferentes que se referem a si mesmos como Cabala.[1] Existe a Cabala Judaica, a Cabala Cristã e a Cabala Hermética. As Cabalas Cristã e Hermética emprestam conceitos, termos e técnicas da Cabala Judaica, mas podem usá-los de forma diferente, e incorporam elementos de outras tradições. Mesmo na Cabala Judaica tradicional, uma vez que tem existido ao longo de muitos séculos e em diferentes partes do mundo, desenvolveram-se uma variedade de sistemas, scolas e métodos diferentes.[2] Recentemente, apareceu também uma espécie de Kabbalah New Age, que incorpora elementos da Cabala Judaica tradicional fora do contexto religioso e os apresenta como uma coleção de técnicas práticas para encontrar felicidade, realização, prosperidade, bons relacionamentos etc.



Outra forma comum de classificar diferentes tipos de Cabala seria em conformidade com os tipos de atividades envolvidas.

A "Cabala Teórica" ou "Cabala Teosófica" inclui um sistema metafísico, uma descrição das funções internas da Divindade e como elas interagem com o mundo material, e métodos de interpretação das Sagradas Escrituras[3] derivados do Esoterismo.

A "Cabala Meditativa" consiste em uma ampla variedade de práticas que visa alcançar estados mais elevados de consciência explorando o reino espiritual, encontrando o Divino e recebendo novos insights[4] espirituais. Esta também é referenciada como "Cabala Mística" ou "Cabala Profética".

A "Cabala Prática" se refere a teurgia e magia, na tentativa de influenciar o Reino Divino e/ou produzir efeitos práticos no mundo material. A certo ponto, no entanto, essas diferenças podem ser um pouco arbitrárias. Alguns autores modernos da tradição Hermética e Mágica veem a magia mais como um sistema de desenvolvimento espiritual do que um exercício de poder pessoal.[5]

Cabala Judaica

Alguns autores aplicam o termo "Cabala" para todo o misticismo judaico, remontando a milhares de anos, incluindo a tradição do Merkavah e mesmo os profetas bíblicos. Outros reservam o termo "Cabala" para uma forma específica de misticismo judaico que começou em torno do século XII e XIII, no sul da França e na Espanha. Foi nesta época que a palavra Cabala foi usada para se referir a estes textos e atividades.

O Misticismo Merkavah (A Obra da Carruagem) é às vezes classificado como pré-cabalístico ou a cabala inicial. Suas datas são geralmente dadas como iniciando no século II a.C e continuando por cerca de mil anos. Estes místicos meditariam e enviariam suas almas para planos mais elevados, prosseguindo através de uma série de sete palácios e câmaras sagrados. Cada câmara proporciona uma experiência espiritual diferente. Eles tinham a esperança de, eventualmente, atingir a sétima e mais elevada câmara, e receber a visão divina como descrita pelo profeta Ezequiel (1:1-28).

O Sepher Yetzirah[6] (O Livro da Formação) é frequentemente chamado de o mais antigo texto cabalístico[7]. Ele descreve em detalhes como Deus usou as letras do alfabeto hebraico para criar todas as coisas do Uni-

verso. Quando interpretado adequadamente, ele pode também ser lido como um manual de meditação que descreve uma série de técnicas meditativas usando as letras hebraicas. Tradicionalmente atribuído ao patriarca Abraão, a origem do Sepher Yetzirah é desconhecida, mas alguns o datam do II ou III século d.C.

O "Sepher ha Zohar"[8] (O Livro do Esplendor) é geralmente conhecido como o mais importante texto cabalístico. Não sendo apenas um livro, mas uma coleção de livros, o Zohar contém interpretações esotéricas das Escrituras Sagradas e descrições dos mecanismos interiores do Reino Divino. Muito dele está na forma de histórias sobre o Rabbi Shimon bar Yochai e seus companheiros, viajando através da Terra Santa e discutindo sobre os significados ocultos das escrituras. Manuscritos de partes do Zohar circularam pela primeira vez na Espanha, através do Rabbi Moshe de León por volta de 1290. Ele alegava que os tinha encontrado e que tinham sido escritos pelo Rabbi Shimon Bar Yochai no século II, d.C. Os estudiosos acreditam que o Zohar foi escrito pelo próprio de León, ou possivelmente por um grupo com o qual ele estivesse associado. Ele pode ter incorporado ou expandido tradições orais mais antigas. Escrito principalmente em uma forma de aramaico, a maior parte do Zohar é extremamente misteriosa e notoriamente difícil de entender.

Estátua de Moshe de Léon em Guadalajara, Espanha.

No século XVI, a cidade de Safed (Tzfat), onde é agora Israel, era o maior centro de florescimento da Cabala. Muitas figuras importantes emergiram em Safed nesta época, mas a mais influente figura para a Cabala foi o Rabbi Isaac Luria (1534-1572), frequentemente mencionado como o "Ari" ou "O Arizal". Ele proporcionou uma nova perspectiva de compreensão e interpretação do Zohar, e construiu uma descrição muito detalhada da criação do Universo, das emanações divinas e do processo de reencarnação.[9] Durante o Iluminismo Europeu do século XVIII, a ciência e a racionalidade vieram à tona, e o interesse no misticismo diminuiu. No Judaísmo, o fracasso do movimento messiânico dos Sabbateanos[10] no século XVII havia desacreditado a Cabala aos olhos de muitos, e o misticismo em geral perdeu seu apelo. Enquanto a Cabala era atacada e suprimida por forças dominantes, uma forma de Cabala era perpetuada pelo movimento Hassídico se iniciando no século XVIII na Europa Ocidental. O Hassidismo transmitiu a Cabala de forma um tanto popular que permitiu encontrar o divino na natureza e na vida cotidiana em vez de exclusivamente através do estudo das escrituras e técnicas meditativas complexas.

Gershom Scholem (1897-1982) era um filósofo e historiador judeu que fundou a academia moderna de estudos da Cabala. Nascido e criado na Alemanha, ele emigrou mais tarde para o que agora é Israel, onde se transformou o primeiro professor de Misticismo Judaico na Universidade Hebraica de Jerusalém. Scholem e os estudantes que ele treinou e influenciou ajudaram a tornar a Cabala amplamente disponível para o público leigo.

Cabala Cristã

Do século XV ao XVI, durante a Renascença Europeia, escritos cabalísticos foram traduzidos do hebreu para o latim e tornaram-se amplamente disponíveis para os estudiosos Cristãos. Conceitos e métodos cabalísticos foram adotados por alguns teólogos cristãos, dando origem ao que é chamado de Cabala Cristã. A Cabala Cristã também assimilou aspectos dos escritos herméticos e platônicos, que também foram traduzidos para o latim durante este período, associando a Cabala Cristã com a Magia Hermética e Teurgia Neoplatonista.

Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494) providenciou a tradução de livros de Cabala do hebreu para o latim e também escreveu livros sobre a Cabala. Ele argumentou que a Igreja Católica poderia incorporar a Cabala e a magia na teologia cristã. Pico acreditava que, ao empregar métodos cabalísticos de interpretações esotéricas, ele poderia usar as escrituras hebraicas para provar a veracidade dos ensinamentos cristãos, como a divindade de Jesus, e a doutrina da Trindade. Uma de suas famosas "Novecentas Teses" era: "Não existe ciência que nos assegure mais a divindade do Cristo do que a Magia e a Cabala."[11]

Estátua de Giordano Bruno, em Campo dei Fiori, Roma

Johann Reuchlin (1455-1522), um estudioso cristão que estudou grego e hebreu, foi influenciado pela obra de Pico della Mirandola. Ele escreveu livros em latim sobre a Cabala[12] e argumentou que ela deveria ser aceita pela igreja porque provava a verdade dos ensinamentos cristãos e poderia ser usada para converter Judeus ao Catolicismo.

Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim (1486-1535) descreveu extensamente a Cabala ao longo de seus Três Livros de Filosofia Oculta[13] um compêndio muito influente de magia e ocultismo ocidental.

Giordano Bruno (1548-1600) era um frei dominicano que estudou as obras de Pico, Reuchlin e Agrippa, e ele mesmo escreveu muitos livros.[14] Ele viajou por toda a Europa, tentando encontrar um patrono real que o apoiasse na sua empreitada para a Igreja adotar a Cabala e a magia. Bruno não encontrou o apoio que desejava e cometeu o erro de retornar à Roma, onde foi preso pela Inquisição e queimado em uma fogueira por heresia, em 1600.

Christian Knorr von Rosenroth (1636-1689) traduziu partes do Zohar e outras obras cabalísticas do hebreu para o latim em um compêndio chamado "A Cabala Revelada".

No início, a Cabala Cristã era um movimento público que buscava o reconhecimento da Igreja Católica. A Igreja nunca o aceitou e ele foi, por fim, ocultado, mas dentro dos movimentos esotéricos foi preservado, incluindo o Rosacrucianismo[15], a Maçonaria[16] e o Martinismo.

Na sua história "A Filosofia Oculta na Época Elisabetana", Frances Yates diz que a "Cabala Cristã e o Rosacrucianismo podem ser sinônimos."[17] Ele chega a dizer que:

"A filosofia da Cabala Cristã como expressada por Giorgi e Agrippa está muito próxima da assim chamada filosofia rosacruz,

como declarado nos manifestos rosacruzes e por Robert Fludd... Podemos entender melhor agora a história do Rosacrucianismo pela sua ligação com a Cabala Cristã durante a era Elisabetana.[18]"

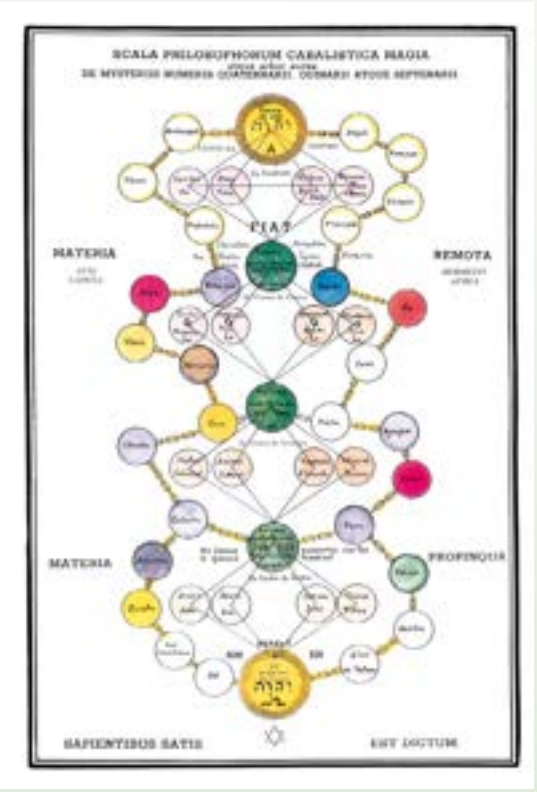
Cabala Hermética

Nos séculos XVII e XVIII, à medida em que se desenvolveu secretamente os movimentos esotéricos, a Cabala Cristã incorporou gradualmente mais elementos pagãos e do simbolismo alquímico. No final do século XIX, o termo "Cabala Hermética" era usado para distingui-la da Cabala Cristã da Renascença.

Alphonse Louis Constant, que escrevia sob o pseudônimo de Eliphas Levi (1810-1875), conectou as cartas do Tarô com as Letras do alfabeto Hebraico, as dez Sephiroth da Árvore da Vida e o Sepher Yetzirah.[19]

Um dos nomes mais conhecidos desta época era o do Dr. Gerard Encausse, conhecido como Papus (1868-1916). Ele estava envolvido com várias sociedades esotéricas e era o cofundador da Ordem Martinista e da Ordem Cabalística da Rose-Croix, cuja afiliação era restrita a membros martinistas que tinham atingido o Grau SI, e era estruturada em três graus, denominados Bacharel em Cabala, Mestre em Cabala e Doutor em Cabala.[20] Seus livros incluem o título "Cabala: A Tradição Secreta Ocidental."[21]A mais conhecida e influente das sociedades herméticas ocultas era a Ordem Hermética da Aurora Dourada, que foi fundada na Inglaterra no final de 1800. Seu foco era a Magia Cerimonial, que incluía considerável material cabalístico juntamente com outras tradições místicas e mágicas.[22] S.L. MacGregor Mathers, que foi um dos fundadores da Ordem, traduziu a obra de Knorr von Rosenroth, A Cabala Revelada, do latim para o inglês.[23]

Dion Fortune (1890-1946) era membro de várias escolas esotéricas e grupos de ocultismo, e mais tarde formou sua própria organização, chamada de Fraternidade da Luz Interior (mais tarde renomeada para Sociedade da Luz Interior). Sua obra mais famosa e influente é A Cabala Mística.[24]



Scala Philosophorum Cabalistica Magia.

Do Símbolos Secretos da Rosacruz dos Séculos XVI e XVII, colorido à mão por - H. Spencer Lewis.

Conclusões

Por causa da ampla variedade de ideias e práticas que têm sido incluídas sob o termo "Cabala", quando lemos livros sobre este assunto, é muito útil identificar a tradição e o ramo específico da Cabala que o autor está apresentando. Existem fortes conexões com Cabala no Rosacrucianismo e no Martinismo, e a Cabala permanece sendo um importante aspecto dos ensinamentos da Ordem Rosacruz - AMORC e da Tradicional Ordem Martinista - TOM. ✔

Notas

1 Nos livros sobre a Cabala Cristã, "Cabala" é geralmente escrita com "C", provavelmente porque as fontes originais foram escritas em latim. Os livros herméticos da Cabala tendem a mencioná-la iniciando o com "Q" (por exemplo, Qabalah). Livros sobre a Cabala Judaica costuma usar a letra inicial "K", possivelmente por causa dos primeiros livros escritos em alemão. Embora essas convenções nem sempre sejam observadas, uma grafia do autor muitas vezes pode ser uma pista para qual sistema o livro está apresentando. Por uma questão de simplicidade, exceto para citações diretas de outras fontes, apenas a grafia "Cabala" é usada neste artigo.

2 Para uma pesquisa geral, consulte Perle Epstein, Kabbalah: The Way of the Jewish Mystic (Boston: Shambhala, 2001). Para uma sinopse histórica breve e acessível, consulte o DVD, Decoding the Past: Secrets of Kabbalah (The History Channel, 2006).

3 Por exemplo, Kim Zetter, Simple Kabbalah (Conari Press, 2000; distribuído por Red Wheel / Weiser, York Beach, ME - EUA).

4 Por exemplo, Aryeh Kaplan, Meditation and Kabbalah (York Beach, ME: Samuel Weiser, 1982).

5 Por exemplo, Dion Fortune, The Mystical Qabalah (York Beach, ME: Samuel Weiser, 1984).

6 Isidor Kalisch, trad., Sepher Yetzirah: um livro sobre Criação (San Jose: Ordem Rosacruz, AMORC, 2002), Aryeh kaplan, trad., Sefer Yetzirah: The Book of Creation, rev ed, (York Beach, ME: Samuel Weiser, 1997).

7 Por exemplo, Kaplan, Sepher Yetzirah.

8 Arthur Green, A Guide to the Zohar (Stanford: Stanford University Press, 2004). Daniel C. Matt, trad., The Zohar: Pritzker Edition, múltiplos vols. (Stanford: Stanford University Press, 2004-).

9 Hayyim Vital, The Tree of Life: Chayyim Vital's Introduction to the Kabbalah of Isaac Luria. Volume I: The Palace of Adam Kadmon, trad. Donald Wilder Menzi and Zwe Padeh (New York: Arizal Publications, 2008).

10 Joseph Dan, ed., The Christian Kabbalah: Jewish Mystical Books & Their Christian Interpreters (Cambridge: Harvard College Library, 1997).

11 S. A. Farmer, trad., Syncretism in the West: Pico's 900 Theses (1486) (Tempe: Medieval & Renaissance Texts & Studies, 2008), 497.

12 Johann Reuchlin, On the Art of the Kabbalah: De Arte Cabalistica, trad. Martin and Sarah Goodman (Lincoln: University of Nebraska Press, 1993).

13 Henry Cornelius Agrippa of Nettesheim, Three Books of Occult Philosophy, trad. James Freake, ed. & annotated by Donald Tyson (St. Paul: Llewellyn Publications, 2000).

14 Frances A. Yates, Giordano Bruno and the Hermetic Tradition (Chicago: University of Chicago Press, 1991).

15 Frances A. Yates, The Occult Philosophy in the Elizabethan Age (London: Routledge, 2001), 197-205.

16 Frances A. Yates, The Rosicrucian Enlightenment (London: Routledge, 2002), 262-277.

17 Yates, Occult Philosophy, 105.

18 Ibid., 195.

19 Eliphas Levi, The Book of Splendours: The Inner Mysteries of Qabalism (York Beach, ME: Samuel Weiser, 1984), 130-131.

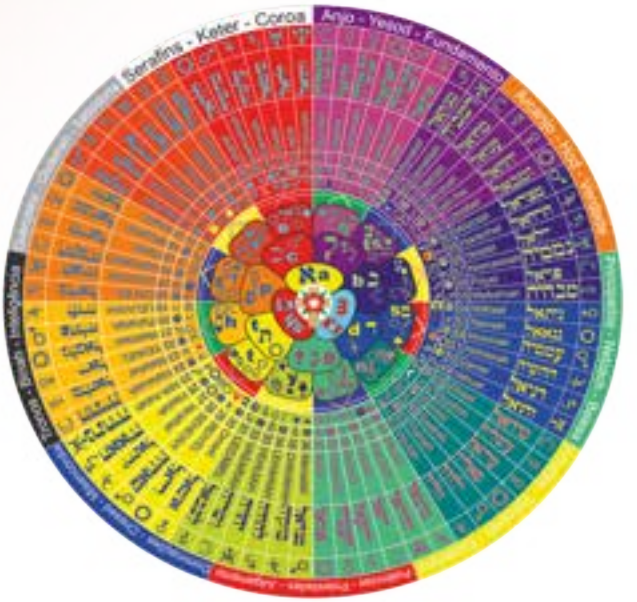
20 Christian Rebisse, Rosicrucian History and Mysteries (San Jose: Grand Lodge of the English Language Jurisdiction, AMORC, 2005), 138.

21 Papus, The Qabalah: Secret Tradition of the West, trans. W. N. Schors (York Beach, ME: Red Wheel/Weiser, 2000).

22 Israel Regardie, The Golden Dawn (Woodbury, MN: Llewellyn Publications, 1989).

23 S. L. MacGregor Mathers, trans., The Kabbalah Unveiled (Mineola, NY: Dover Publications, 2006).

24 Consulte nota 5.



Introdução ao *Sefer Yetzirah*

Por **ARIEH KAPLAN**

Como estudante de pós-graduação, Aryeh Kaplan era descrito no Quem é Quem científico como o mais promissor jovem físico na América. Ele se dedicou mais tarde a escrever e ensinar aspectos da Torah. Durante sua breve vida (ele morreu subitamente em 1983 com 48 anos), Rabbi Kaplan escreveu mais de 50 livros. No texto seguinte, Rabbi Kaplan nos apresenta uma extraordinária obra cabalística, o Sêfer Ietsirá.

Material extraído do livro SEFER YETZIRAH: THE BOOK OF CREATION de 1997 pelo The State de Aryeh Kaplan. Red Wheel/Weiser, LLC, Newburyport, MA and San Francisco, CA.

O Sefer Yetzirah é, sem dúvida, o mais antigo e misterioso de todos os textos cabalísticos. Os primeiros comentários sobre este livro foram escritos no século X, e o próprio texto é citado como sendo do século VI. Referências ao trabalho aparecem já no século I, enquanto tradições consideram sua existência desde os tempos bíblicos. Este livro é tão antigo que sua origem não está acessível aos historiadores. Somos totalmente dependentes das tradições no que se refere a sua autoria.

Igualmente misterioso é o significado deste livro. Se o autor teve a intenção de ser obscuro, ele foi eminentemente exitoso. É apenas através da mais cuidadosa análise, estudando cada palavra e seu paralelismo na literatura bíblica e talmúdica que sua obscuridade começa a ser penetrada.

Há muitas interpretações do Sefer Yetzirah. Os primeiros comentadores tentaram interpretá-lo como um tratado filosófico, mas seus esforços lançaram mais luz em seus próprios sistemas do que no

texto. O mesmo aconteceu com os esforços para encaixá-lo no sistema do Zohar ou, mais tarde, dos cabalistas. Esforços para vê-lo como um livro de gramática ou fonética são ainda mais infrutíferos.

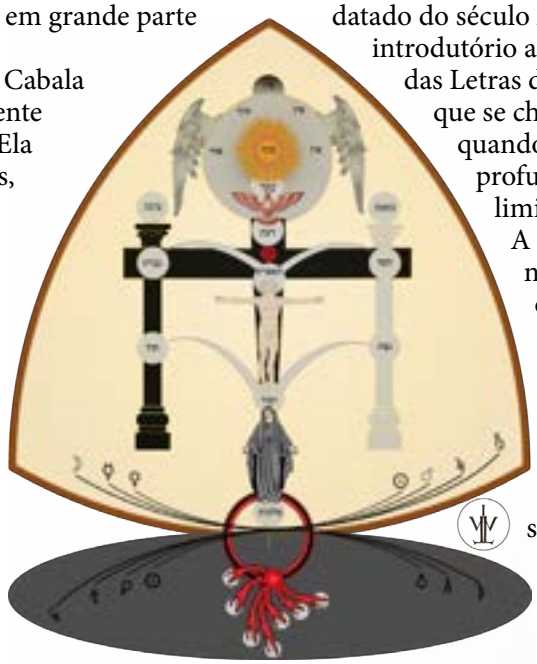
De forma geral, a Cabala se divide em três categorias: teórica, meditativa e mágica[1]. A Cabala teórica que, em sua forma atual, se baseia amplamente no Zohar, trata em grande parte da dinâmica do domínio espiritual, especialmente os mundos das Sefirot, almas e anjos. Este ramo da Cabala alcançou seu zênite nos escritos da escola de Safed, no século XVI e a maioria dos textos publicados pertencem a essa categoria.

A Cabala Meditativa trata do uso dos nomes Divinos, permutações de letras e métodos similares para alcançar estados mais elevados de consciência e, desta forma, compreende um tipo de ioga. Muitos dos principais textos nunca foram publicados, mas permanecem espalhados em manuscritos em grandes bibliotecas e museus. Alguns desses métodos tiveram um breve renascimento em meados de 1700 com o surgimento do movimento chassídico, mas em aproximadamente meio século depois eles já haviam sido em grande parte esquecidos.

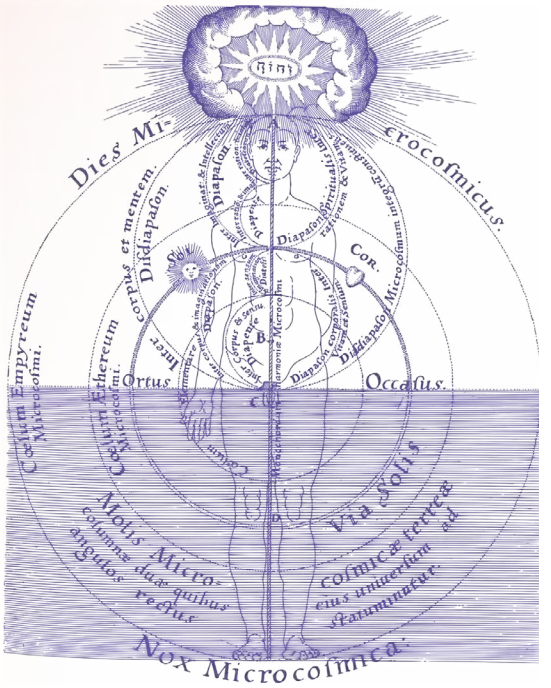
A terceira categoria da Cabala - a mágica - está intimamente relacionada à meditativa. Ela consiste em diversos sinais, encantamentos e nomes Divinos através dos quais pode-se influenciar ou alterar eventos naturais. Muitas de suas técnicas são muito semelhantes aos métodos meditativos e seu êxito pode depender de sua habilidade para induzir estados mentais em que os poderes telecinético e espiritual podem ser canalizados efetivamente. Assim como a segunda categoria, os mais importantes textos nunca foram impressos, apesar de alguns fragmentos terem sido publicados. Um dos melhores exemplos é o Livro Raziel.

Um estudo cuidadoso indica que o Sefer Yetzira é um texto meditativo com fortes implicações mágicas. Esta posição é corroborada pelas mais antigas tradições talmúdicas, que indicam que ele poderia ser usado para criar criaturas viventes. Especialmente significativos são os muitos relatos e lendas em que o Sefer Yetzirah é usado para criar um Golem, uma espécie de androide místico. Os métodos do Sefer Yetzirah parecem envolver meditação; e é muito provável que tenha sido originalmente escrito como um manual de meditação. Um dos maiores filósofos do século XII afirmou que o livro não continha filosofia, mas sim Mistérios Divinos[2]. Isso se apresenta claramente no comentário de um dos maiores cabalistas, Isaac, o Cego (1160-1236), que enfatiza os aspectos meditativos do texto.

Isto é particularmente evidente em um manuscrito muito antigo do Sefer Yetzirah datado do século X ou antes. O cólofon introdutório afirma: "Este é o livro das Letras de Abraão, nosso pai, que se chama Sefer Yetzirah, e quando nele se olha (*tzafah*) profundamente, não há limites para sua sabedoria"[3]. A palavra hebraica *tzafah* não denota um mero olhar físico, mas sim uma percepção mística e meditativa. Portanto, esta fonte muito antiga corroboraria a posição de que o Sefer Yetzirah tinha a intenção de ser usado como um texto meditativo.



Os comentários que tratam o Sefer Yetzirah



como um texto teórico leem a maior parte dele em terceira pessoa: "Ele combinou", "Ele formou", e assim por diante. De acordo com essa leitura, o texto está se referindo à criação de Deus. Contudo, em muitos casos, a forma gramatical se parece muito mais com o imperativo[4]. O autor está dizendo ao leitor que "combine" e "forme" como se realmente estivesse dando instruções. Em muitos outros casos, o texto é inequivocadamente instrutivo, como em passagens como "se o teu coração corre, retorne ao lugar" e "compreenda com sabedoria e seja sábio com compreensão". Em vez de ter o texto oscilando entre a terceira pessoa e o imperativo, seria mais lógico lê-lo todo no imperativo. O Sefer Yetzirah torna-se assim um manual de instrução para um tipo muito especial de meditação...

Portanto, o que parece termos no Sefer Yetzirah é um manual instrucional, descrevendo certos exercícios meditativos. Há indícios de que esses exercícios se destinavam a fortalecer a concentração do iniciado, e eram particularmente efetivos no desenvolvimento de poderes telecinético e telepático. Com estes poderes, seria possível realizar façanhas que, exteriormente, parecessem ser mágicas. Tudo isso é corroborado em referências talmúdicas que parecem comparar o uso do Sefer Yetzirah a um tipo de magia branca[5]. Um importante comentador do século XIII escreve que aos estudantes do Sefer Yetzirah era dado um manuscrito do livro Raziel, um texto mágico que contém selos, figuras mágicas, nomes Divinos e encantamentos[6].

O texto

O Sefer Yetzirah é um livro muito pequeno e conciso. Em sua Versão Curta há somente 1.300 palavras, e a Versão Longa tem aproximadamente 2.500 palavras. A Versão "Gra" contém cerca de 1.800 palavras. O texto é tão pequeno que um dos mais antigos fragmentos parece ter todo o livro em uma única página[7]. Especula-se que a fonte original não deveria conter mais do que 240 palavras[8].

O texto atual contém seis capítulos e, em algumas edições, diz-se que estes correspondem às seis ordens de Michná[9]. No entanto, algumas fontes antigas dizem que o livro contém cinco capítulos, e é provável que os atuais quinto e sexto capítulos tenham sido combinados em apenas um nestes textos[10]. O comentador mais antigo, Saadia Gaon, em uma versão um pouco diferente, divide o livro em oito capítulos[11].

O texto é apresentado dogmaticamente, sem fundamentação ou explicação. O primeiro capítulo em particular é solene e sonoro, lendo-se como poesia de verso livre. Apenas algumas passagens bíblicas são citadas e, com exceção de Abraão, não se menciona nenhum nome nem autoridade.

O livro parece estar dividido em quatro partes básicas. O primeiro capítulo introduz as Sefirot, falando extensamente delas. Nos capítulos seguintes, contudo, não há qualquer menção a respeito das Sefirot. Isto levou à especulação de que o Sefer Yetzirah fosse

realmente uma combinação de dois (ou mais) textos antigos.

O segundo capítulo consiste em uma discussão geral sobre as letras do alfabeto. Parece claramente estar apresentando seu uso em um contexto meditativo. Neste capítulo ainda se apresenta as cinco famílias fonéticas e os 231 portões. Depois, as famílias fonéticas ou os Portões não são mencionados novamente no texto.

Dos capítulos três ao cinco discute discute-se as três divisões das letras "mães, duplas e elementares". Elas estão relacionadas a "universo, alma e ano", apresentando um sistema astrológico bem detalhado. Nestes capítulos, muda-se por completo a essência do livro e não há praticamente nenhum indício de seus aspectos meditativos. Entretanto, pode ser explicado por um princípio que aparece em muitos textos cabalísticos subsequentes. A fim de focalizar os poderes mentais e espirituais, deve se levar em conta o tempo e o ambiente astrológicos[12].

Novamente, o sexto capítulo parece não ter uma conexão clara com as partes anteriores do livro, ainda que na Versão Longa seja apresentado quase como um comentário. Aqui, pela primeira vez, os conceitos de "eixo, ciclo e coração" são apresentados, ideias que não são discutidas em nenhum outro momento das literaturas hebraicas e cabalísticas, com exceção do *Bahir*[13]. De todos os capítulos, este parece ser o mais obscuro e é difícil dizer se sua ênfase é teórica ou meditativa.

O capítulo conclui com uma estrofe, que conecta o Sefer Yetzirah a Abraão. Esta citação serve de fonte para a tradição que afirma que a autoria do livro é do Patriarca.✔

Notas

1 Isto é discutido detalhadamente no meu Meditation and Kabbalah, and Meditation and the Bible (York Beach, ME: Samuel Weiser).

2 Kuzari 4:27.

3 Barceloni, p. 100. Esta obra está no Museu Britânico, Ms. 600. Ver M. Marguliot, Catalogue of Hebrew and Samaritan Manuscripts, Vol. 2, p. 197. Também no Vaticano, Ms. 299, e no Museu Britânico, Ms. 752. Outro relato também afirma que Rava e Ray Zeira olharam (tzafah) no Sêfer Ietsirá por três anos. (Barceloni, p. 268).

4 Assim, em vários momentos no texto a palavra Tzar é usada em vez de Yatzar. Isto é lido mais facilmente no imperativo do que em terceira pessoa no passado.

5 Sanhedrin 67b, Barceloni, loc. cit. Ver também Shulchan Arukh, Yoreh Deah 179:15, Sifsey Cohen 179:18;Tshuvot Radbaz 3:405.

6 Yehudah ben Nissim ibn Malka, Commentary on Sefer Yetzirah (Oxford, Ms. 1536), citado em George Vajda, Juda ben Nissim ibn Malka, philosophe juif marocain, (Paris, 1954), p. 171; Gershom Scholem, Kabbalah and its Symbolism, (New York, 1969), p. 177. Há dúvidas se Raziel é o mesmo da edição publicada. Abraham Abulafia também menciona ter estudado este livro, veja Sheva Netivot HaChakhmah, in A. Jellinek, Philosophie und Kabbalah, (Leipzig, 1854), p. 21.

7 A.M. Habermann, Sinai 10:3b (1974) no que se refere à Geniza fragment Taylor-Schechter 32:5. Esta é a versão Saadia, que é a mais longa.

8 Yisrael Weinstock, "LeBirur HaNusach shel Sefer Yetzirah," Temirin 1:20, note 41, 1:16, note 31.

9 Veja Ne'edar BaKodesh, Shaarey Tzion.

10 Barceloni, p. 105. Na tradução de Pistoris, os capítulos cinco e seis estão juntos, bem como em muitos manuscritos. Veja Weinstock, loc. cit., nota 33. As divisões em Donash e Chakamoni foram introduzidas pelo tipógrafo e não existem nos manuscritos originais.

11 Saadia Gaon, Commentary on Sefer Yetzirah, tranduzido em hebreu por Yosef Kapach (Jerusalem, 1972), p. 34.

12 Veja Introduction to Raziel; Shimushey Tehillim in Tshuvot Rashba 413; R. Moshe Cordevero, p.233-4

Sefer yetzirah

Versão Longa
Traduzido de um Manuscrito Rosacruz

Capítulo 1

1.1 Por trinta e duas Sendas maravilhosas foi estabelecida a Sabedoria de YHVH tsébaoth, Deus de Israel, Elohim vivente, Deus onipotente, alto e supremo, que habita a eternidade. Seu nome é Santo. Ele criou Seu universo com três medidas (o número, a escrita e o comentário), dez sefirot no Nada e vinte e duas letras fundamentais.

1.2 As sefirot são em número de dez, como os dez dedos, fazendo face cinco a cinco. Elas formam a Aliança única do Eixo central.

1.3 As dez sefirot saíram do Nada: dez e não nove, dez e não onze. Discerne-as com Sabedoria e Inteligência. Examina-as, interroga-as. Fazem cada coisa corresponder à sua essência. Seu número é dez e elas são infinitas.

1.4 Dez sefirot saíram do Nada: detém teu coração para não pensares nisso; detém tua boca para não falares nisso. E se teu coração se impelir a isso, lembra-te de que está escrito: "E as Santas criaturas iam e vinham". Assim será concluída a Aliança.

1.5 Dez sefirot saíram do Nada: seu fim reside em seu começo e seu começo reside em seu fim, tal é o abrasamento que consome o carvão. Aprende, medita e percebe que Deus é único, que o Criador não tem segundo. Diante do um, que há a contar?

1.6 Dez sefirot saíram do Nada: em número de dez, elas determinam uma profundeza de Começo e uma profundeza de Fim; uma profundeza

de Bem e uma profundeza de Mal; uma profundeza de Alto e uma profundeza de Baixo; uma profundeza de Leste e uma profundeza de Oeste, uma profundeza de Norte e uma profundeza de Sul. O Deus único, Rei fiel, domina-as todas de Sua santa morada, para a eternidade das eternidades.

1.7 Dez sefirot saíram do Nada: sua aparição foi como um fulgor sem limite. O Verbo de Deus as percorre continuamente e, quando Ele fala como um furacão, elas se inclinam diante de Seu Trono.

1.8 Dez sefirot saíram do Nada, bem como vinte e duas letras fundamentais: três Mães, sete Duplas e doze Simples, cada qual contendo o Sopro de Deus.

1.9 Dez sefirot saíram do Nada pelo Sopro de Elohim. Seu trono está eternamente estabelecido. Bendito seja Seu nome, Ele que vivifica perpetuamente os mundos, para todo o sempre, com Sua Voz, Seu Sopro e Sua Palavra.

1.10 Com o Sopro saído do Sopro, Deus gravou e esculpiu as quatro direções dos Céus: o Leste e o Oeste, o Norte e o Sul. O Sopro Divino está em cada uma delas.

1.11 Com as Águas saídas do Sopro, Deus gravou e esculpiu o Caos e o Vácuo, com argila e lama. Ele as dispôs como uma espécie de jardim e as esculpiu como um muro. O Caos é uma linha de céu que envolve o mundo. O vácuo consiste em rochedos esponjosos, soterrados no abismo de onde emanam as Águas.

1.12 Com o Fogo saído das Águas, Deus gravou e esculpiu o Trono de Sua glória e a confiou aos Serafins, aos Ophanins e aos Anjos. Sobre estes três coros angélicos estabeleceu Ele Sua morada, assim como está escrito: "Ele fez dos sopros Seus anjos, das chamas de fogo Seus servidores".

1.13 Deus escolheu três letras dentre as Simples e as fixou em Seu grande Nome: YHV. Com elas selou as seis direções. Voltou-se para o Alto e o selou com YHV. Voltou-se para o Baixo e o selou com HYV. Voltou- se para o Adiante e selou o Leste com VYH. Voltou-se para o Atrás e selou o Oeste com VHY. Voltou-se para a Direita e selou o Sul com YVH. Voltou-se para a Esquerda e selou o Norte com HVY.

Capítulo 2

2.1 Vinte e duas letras fundamentais (três Mães, sete Duplas e doze Simples) foram gravadas com a voz de Deus, esculpidas com o Seu sopro e reunidas em cinco locais: Aleph, Heth, He, Aïn, Ghimel, Yod, Kaph, Qoph – Daleth, Teth, Lamed, Nun, Tav – Zaïn, Samekh, Shin, Resch, Tsadé – Beth, Vav, Mem, Peh.
Aleph, Heth, He, Aïn, são pronunciadas com a base da língua e a garganta. Beth, Vav, Mem, Peh, são pronunciadas entre os lábios e com a ponta da língua. Ghimel, Yod, Kaph, Qoph, são pronunciadas com a parte de trás da língua. Daleth, Teth, Lamed, Nun, Tav, são pronunciadas com a ponta da língua e a garganta. Zaïn, Samekh, Shin, Resch, Tsadé, são pronunciadas entre os dentes, com a língua dobrada e forçada para o exterior.

2.2 Vinte duas letras fundamentais foram reunidas por Deus num Círculo de 231 Portas. Círculo que oscila para trás e para a frente. Pois nada é superior no bem que a alegria (aneg) e nada é pior no mal que a dor (nega).

2.3 Vinte e duas letras fundamentais foram gravadas por Deus, esculpidas, pesadas e combinadas. Ele as permutou, formou com elas a alma de tudo o que foi formado e a alma de tudo o que será formado.

2.4 Deus pesou e combinou Aleph com todas as letras e todas com Aleph, Beth com todas e todas com Beth, e assim por diante com cada qual. Assim,

todas as letras surgiram de 231 Portas e emanaram de um só Nome.

2.5 Deus formou a Substância Primordial a partir do Caos e extraiu a existência da não-existência. Esculpiu grandes Pilares a partir da Essência imperceptível

Capítulo 3

3.1 As três Mães, Aleph, Mem, Shin, repousam sobre o platô do mérito e o platô do dever, e o Verbo as equilibra.

3.2 As três Mães formam um grande e maravilhoso segredo, dissimulado e selado por seis anéis. Delas emanam o fogo, a terra e o ar. Elas estão igualmente divididas em machos e fêmeas.

3.3 As três Mães formaram no universo o ar, a água e o fogo. Os céus foram criados a partir do fogo, a terra a partir da água, e o sopro a partir do ar que legifera entre os dois.

3.4 As três Mães formaram no ano o calor, o frio e o clima temperado. O calor foi criado a partir do fogo, o frio a partir da água, e o clima temperado a partir do ar que legifera entre os dois.

3.5 As três Mães formaram no homem a cabeça, o ventre e o peito. A cabeça foi criada a partir do fogo, o ventre a partir da água, e o peito a partir do ar que legifera entre os dois.

3.6 As três Mães foram gravadas, esculpidas e combinadas por Deus. E com elas Ele selou três Mães no universo, três Mães no ano, e três Mães no homem, macho e fêmea.

3.7 Deus fez reinar a letra Aleph sobre o ar, coroou-a, permutou-a com as outras, e formou com ela o ar no universo, a umidade no ano e o peito no homem, macho e fêmea.
Deus fez reinar a letra Mem sobre a água, coroou-a, permutou-a com as outras, e formou com ela a terra no universo, o frio no ano e o ventre no homem, macho e fêmea.
Deus fez reinar a letra Shin sobre o fogo, coroou-a, permutou-a com as outras, e formou com ela os céus no universo, o calor no ano e a cabeça do homem, macho e fêmea.

3.8 Com Aleph, Deus formou o sopro, o ar, o temperado, o peito, a linguagem que legifera. Com Mem, formou Ele as águas, a terra, o frio, o ventre, o platô do mérito. Com Shin, formou Ele o fogo, os céus, o calor, a cabeça, o platô do dever.

Capítulo 4

4.1 As sete Duplas repousam sobre a vida, a paz, a sabedoria, a riqueza, a fecundidade, a beleza e a dominação. Elas se exprimem com um duplo sentido, uma estrutura suave e dura, forte e fraca. O contrário da sabedoria é a insensatez, o contrário da riqueza é a pobreza, o contrário da fecundidade é a esterilidade, o contrário da vida é a morte, o contrário da dominação é a dependência, o contrário da paz é a guerra, o contrário da beleza é a feiura.

4.2 As Sete Duplas, não seis, não oito, são semelhantes aos seis lados e às seis direções, com o Palácio Secreto no centro, sustentado por Deus

4.3 Deus gravou, esculpiu, permutou, pesou e combinou as sete letras duplas, e com elas formou sete planetas no universo, sete dias no ano, e sete portas no homem.

4.4 Deus fez reinar a letra Beth sobre a sabedoria, coroou-a, permutou-a com as outras, e formou com ela Saturno no universo, o Sabá no ano e a boca no homem, macho e fêmea.

4.5 Deus fez reinar a letra Ghimel sobre a riqueza, coroou-a, permutou-a com as outras, e com ela formou Júpiter no universo, o primeiro dia no ano e o olho direito no homem, macho e fêmea.

4.6 Deus fez reinar a letra Daleth sobre a fecundidade, coroou-a, permutou-a com as outras, e com ela formou Marte

no universo, o segundo dia no ano e o olho esquerdo do homem, macho e fêmea.

4.7 Deus fez reinar a letra Kaph sobre a vida, coroou-a, permutou-a com as outras, e com ela formou o Sol no universo, o terceiro dia no ano e a narina direita do homem, macho e fêmea.

4.8 Deus fez reinar a letra Peh sobre a dominação, coroou-a, permutou-a com as outras, e com ela formou Vênus no universo, o quarto dia no ano e a narina esquerda do homem, macho e fêmea.

4.9 Deus fez reinar a letra Resch sobre a paz, coroou-a, permutou-a com as outras, e com ela formou Mercúrio no universo, o quinto dia no ano e a orelha direita no homem, macho e fêmea.

4.10 Deus fez reinar a letra Tav sobre a beleza, coroou-a, permutou-a com as outras, e com ela formou a Lua no universo, o sexto dia no ano e a orelha esquerda do homem, macho e fêmea.

4.11 Os sete planetas do universo são: Saturno, Júpiter, Marte, o Sol, Vênus, Mercúrio, a Lua. Os sete dias do ano são como os sete dias da semana. As sete portas do homem, macho e fêmea, são os dois olhos, as duas orelhas, as duas narinas e a boca.

4.12 Com Beth, Deus formou Saturno, o Sabá, a boca, a vida e a morte. Com Ghimel formou Ele Júpiter, o primeiro dia, o olho direito, a paz e a guerra. Com Daleth, formou Marte, o segundo dia, o olho esquerdo, a sabedoria e a insensatez. Com Kaph, formou o Sol, o terceiro dia, a narina direita, a riqueza e a pobreza. Com Peh, formou Vênus, o quarto dia, a narina esquerda, a fecundidade e a esterilidade. Com Resch, formou Mercúrio, o quinto dia, a orelha direita, a beleza e a feiura. Com Tav, formou a Lua, o sexto dia, a orelha esquerda, a dominação e a servidão.

Capítulo 5

5.1 As Doze Simples repousam sobre a visão, a audição, o olfato, a palavra, o paladar, a copulação, a locomoção, a cólera, o riso, o pensamento, a alegria e o sono.

5.2 As Doze Simples, não onze, não treze, formam os doze limites diagonais entre as seis direções: o limite superior do Leste; o limite do Nordeste; o limite inferior do Leste; o limite superior do Sul; o limite do Sudeste; o limite inferior do Sul; o limite superior ocidental; o limite do Sul ocidental; o limite inferior ocidental; o limite superior do Norte; o limite ocidental do Norte; o limite inferior do Norte.

5.3 Deus gravou, esculpiu, combinou, pesou e transportou as doze letras simples, e com elas formou doze constelações no universo, doze meses no ano, e doze órgãos no homem, macho e fêmea.

5.4 As Doze Simples estão repartidas em três aliados, três inimigos, três vivificadores e três matadores. Os três aliados são o coração, as orelhas e os olhos. Os três inimigos são o fígado, a vesícula biliar e a língua. Os três vivificadores são as duas narinas e o baço. Os três matadores são os dois orifícios e a boca. E Deus, Rei fiel, os domina a todos de Sua santa morada, para a eternidade das eternidades.

5.5 Deus fez reinar a letra He sobre a palavra, coroou-a, combinou-a com cada uma das outras, e com ela formou o Carneiro no universo, o mês de Nissan no ano e o pé direito no homem, macho e fêmea.

5.6 Deus fez reinar a letra Vav sobre o pensamento, coroou-a, combinou-a com cada uma das outras, e com ela formou o Touro no universo, o mês de Iyar no ano e o rim direito no homem, macho e fêmea.

5.7 Deus fez reinar a letra Zaïn sobre a locomoção, coroou-a, combinou-a com cada uma das outras, e com ela formou os Gêmeos no universo, o mês de Sivan no ano e o pé esquerdo no homem, macho e fêmea.

5.8 Deus fez reinar a letra Heth sobre a visão, coroou-a, combinou-a com cada uma das outras, e com ela formou o Câncer no universo, o mês de Tamuz no ano e a mão direita no homem, macho e fêmea.

5.9 Deus fez reinar a letra Teth sobre a audição, coroou-a, combinou-a com cada uma das outras, e com ela formou o Leão no universo, o mês de Ab no ano e o rim esquerdo no homem, macho e fêmea.

5.10 Deus fez reinar a letra Yod sobre a ação, coroou-a, combinou-a com cada uma das outras, e com ela formou a Virgem no universo, o mês de Elul no ano e a mão esquerda no homem, macho e fêmea.

5.11 Deus fez reinar a letra Lamed sobre a copulação, coroou-a, combinou-a com cada uma das outras, e com ela formou a Balança no universo, o mês de Tishri no ano e a vesícula biliar no homem, macho e fêmea.

5.12 Deus fez reinar a letra Nun sobre o olfato, coroou-a, combinou-a com cada uma das outras, e com ela formou o Escorpião no universo, o mês de Marcheshvan no ano e o intestino delgado no homem, macho e fêmea.

5.13 Deus fez reinar a letra Samekh sobre o sono, coroou-a, combinou-a com cada uma das outras, e com ela formou o Sagitário no universo, o mês de Kislev no ano e o estômago no homem, macho e fêmea.

5.14 Deus fez reinar a letra Aïn sobre a cólera, coroou-a, combinou-a com cada uma das outras, e com ela formou o Capricórnio no universo, o mês de Teveth no ano e o fígado no homem, macho e fêmea.

5.15 Deus fez reinar a letra Tsadé sobre o paladar, coroou-a, combinou-a com cada uma das outras, e com ela formou o Aquário no universo, o mês de Schevath no ano e o esôfago no homem, macho e fêmea.

5.16 Deus fez reinar a letra Qoph sobre o riso, coroou-a, combinou-a com cada uma das outras, e com ela formou os Peixes no universo, o mês de Adar no ano e o baço no homem, macho e fêmea.

5.17 Com He, Deus formou o Carneiro, Nissan, o pé direito, a visão e a cegueira. Com Vav, Deus formou o Touro, Iyar, o rim direito, a audição e a surdez. Com Zaïn, Deus formou os Gêmeos, Sivan, o pé esquerdo, o olfato e a ausência do olfato. Com Heth, Deus formou o Câncer, Tamuz, a mão direita, a palavra e a mudez. Com Teth, Deus formou o Leão, Ab, o rim esquerdo, o paladar e a ausência do paladar. Com Yod, Deus formou a Virgem, Elul, a mão esquerda, a ação e a inércia. Com Lamed, Deus formou a Balança, Tishri, a vesícula biliar, a copulação e a esterilidade. Com Nun, Deus formou o Escorpião, Marcheshvan, o intestino delgado, a locomoção e a paralisia. Com Samekh, Deus formou o Sagitário, Kislev, o estômago, a serenidade e a cólera. Com Aïn, Deus formou o Capricórnio, Teveth, o fígado, o riso e as lágrimas. Com Tsadé, Deus formou o Aquário, Schevath, o esôfago, a inteligência e a estupidez. Com Qoph, Deus formou os Peixes, Adar, o baço, o sono e a insônia.

Capítulo 6

6.1 Três Mães; sete Duplas; doze Simples. Tais são as vinte e duas letras pelas quais Tsébaoth, Deus de Israel, Elohim vivente e supremo, que habita a eternidade, cujo Nome é santo, formou Tudo o que foi, é e será.

6.2 Há doze letras abaixo, sete letras

acima e três letras sobre as sete. Deus estabeleceu Sua morada sobre as três, mas Ele não tem segundo e governa sozinho em Seu universo, pois Ele é Um, e Seu nome é Um.

6.3 Há três Mães e sua progenitura, sete súditos e seu exército, e doze limites diagonais. As verdadeiras testemunhas disso são o universo, o ano e o homem.

6.4 As sefirot no universo são dez e doze: fogo, ar, água, sete planetas, e doze constelações. As sefirot no ano são dez e doze: frio, calor, temperado, sete dias, e doze meses.

6.5 Deus colocou uma regra de dez, três, sete e doze no Teli, no Ciclo e no Coração. O Teli no universo é como um rei em seu trono, o Ciclo no ano é como um rei na província, e o Coração no homem é como um rei em guerra.

6.6 Como regra geral, certos princípios se combinam com outros, são permutados com outros, e são contrários a outros. Se certos existem, outros não, e se outros existem, certos não. Mas todos estão ligados ao Teli, ao Ciclo e ao Coração.

6.7 Deus fez corresponder o um ao outro e o outro ao um: o bem é contrário ao mal, e o mal é contrário ao bem. O bem é saído do bem, e o mal é saído do mal. O bem discerne o mal, e o mal discerne o bem. O bem é preservado pelo bem, e o mal é preservado pelo mal.

6.8 Quando veio Abraão, nosso pai abençoado, ele olhou, viu, sondou, compreendeu, gravou, esculpiu, permutou, formou, pensou, e foi frutuoso. O Senhor de Tudo, que Seu nome seja bendito por toda a eternidade, revelou-se a ele, beijou-o na cabeça e o chamou: "Abraão, Meu bem-amado". Fez uma aliança com ele e sua descendência, e colocou Sua glória nele. Fez um pacto entre os dez dedos de suas mãos, vinculou as vinte e duas letras à sua língua, e lhe revelou o mistério delas. Mergulhou-as na água, queimou-as pelo fogo, agitou-as com o sopro, inflamou-as com os sete planetas, e as dirigiu para as doze constelações.

6.9 As três Mães têm por correspondências: céu, fogo, calor, cabeça. Ar, sopro, temperado, peito. Terra, água, frio, ventre.

6.10 As sete Duplas têm por correspondências: Saturno, Sabá, boca. Júpiter, 1º Dia, olho direito. Marte, 2º Dia, olho esquerdo. Sol, 3º Dia, narina direita. Vênus, 4º Dia, narina esquerda. Mercúrio, 5º Dia, orelha direita. Lua, 6o Dia, orelha esquerda.

6.11 As doze Simples têm por correspondências: Carneiro, Nissan, pé direito, visão, cegueira. Touro, Iyar, rim direito, audição, surdez. Gêmeos, Sivan, pé esquerdo, olfato, ausência de olfato. Câncer, Tamuz, mão direita, palavra, mudez. Leão, Ab, rim esquerdo, paladar, ausência de paladar. Virgem, Elul, mão esquerda, ação, inércia. Balança, Tishri, vesícula biliar, copulação, esterilidade. Escorpião, Marcheshvan, intestino delgado, locomoção, paralisia. Sagitário, estômago, serenidade e cólera. Capricórnio, Teveth, fígado, riso lágrimas. Aquário, Shevath, esôfago, inteligência, estupidez. Peixes, Adar, baço, sono, insônia.

6.12 Os três inimigos são a língua, o fígado, a vesícula biliar. Os três aliados são os olhos, os ouvidos, o coração. Os três vivificadores são os dentes, o nariz, o baço. Os três matadores são os dois orifícios e a boca.

6.13 Três coisas são boas para o ouvido: uma bênção, uma boa notícia, um elogio. Três coisas são más para o olho: o adultério, o mau olhado, um olho errante. Três coisas são boas para o olho: a humildade, um olho bom, a visão do verdadeiro. Três coisas são más para a língua: a difamação, a denúncia e a hipocrisia. Três coisas são boas para a língua: o silêncio, o controle da língua, e a verdade. ✔

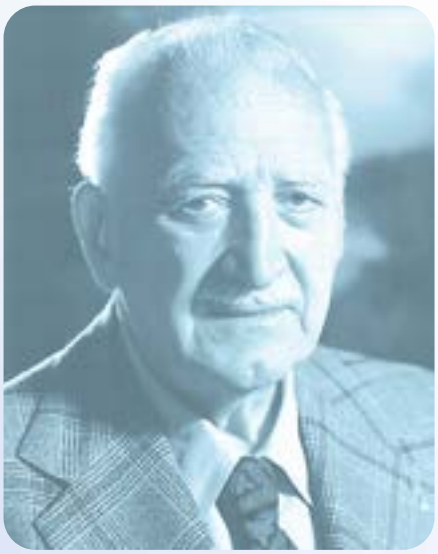
A Lenda da Palavra Perdida

Por **RALPH M. LEWIS, FRC**

Ralph Maxwell Lewis serviu como Imperator da Ordem Rosacruz, AMORC por quarenta e oito anos, de 1939 a 1987. Neste artigo, ele explora o poder da palavra em várias tradições, incluindo a Cabala.

A lenda de uma Palavra Perdida - de uma chave para a criação por meio da qual toda a realidade foi colocada em movimento - é conhecida há milhões de anos. Uma parte da lenda é alegórica, e uma parte é devida a uma concepção primitiva da eficácia da palavra emitida (tal) como energia, através da qual os humanos são motivados. É por isto que um poder similar é atribuído a uma causa primeira ou a uma divindade. A primeira referência a uma causa teológica ou mental da criação e sua relação com a palavra emitida remonta ao período menfita do Egito, aproximadamente 4.000 anos a.C. O principal deus menfita foi Ptah que encabeçava um Panteon de deuses inferiores. Inicialmente, os sacerdotes da escola de Mistérios menfita proclamaram que Ptah era o patrono dos artesãos e dos operários do Egito.

Séculos mais tarde, os sacerdotes desenvolveram uma concepção metafísica mais profunda no que se referia a Ptah. Ele tornou-se, então, o artesão, o criador do Universo. Em suas doutrinas, a sacerdotisa então proclamava que Ptah havia criado o universo pelo pensamento. Pelo fato de



serem mais explícitos, os pensamentos e as ideias de Ptah foram transformados por ele em palavra emitida, e por meio desta palavra, o pensamento se tornou objetivo, ou seja, se tornou realidade. A citação seguinte foi tirada de uma antiga inscrição deixada pela sacerdotisa de Ptah: *Foi decretado que o coração e a língua teriam o poder sob cada membro, ensinando que ele* (Ptah)*, esteve* (sob

a forma de coração) *em cada coração e* (sob a forma de língua) *em cada boca de todos os deuses, de todos os homens, de todos os animais ou répteis* (todos) *vivos, quando é ele* (Ptah) *que pensa e quando ele comanda cada coisa que deseja. A boca de Ptah pronunciava o nome de todas as coisas* (…).

Os egiptólogos nos informaram que os antigos egípcios empregavam a palavra "coração" para espírito ou inteligência. Da mesma forma, a referência à "língua" faz alusão à palavra pronunciada, à palavra de autoridade através da qual todos os pensamentos se tornaram objetivos ou realidade. Podemos supor que, em alguma parte desses antigos mistérios, havia sílabas, sons, mantras que se acreditava possuírem poderes especiais universais para a criação de coisas terrenas. Naturalmente estamos familiarizados com declaração da Bíblia, Capítulo I de João: *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus*. Seria esta afirmação do Novo Testamento um eco de doutrinas do sacerdócio de Ptah de séculos anteriores?

Da Cabala

Agora, dirijamo-nos para a Cabala ou doutrinas metafísicas dos judeus. O *Sepher Yetzirah*, um dos principais livros da Cabala, significa literalmente "Livro da Criação", ou cosmogonia. Não se sabe quando o original deste livro foi escrito. Eruditos hebreus fixaram diferentes períodos para a sua origem. A época exata se perdeu na noite dos tempos. No entanto, uma opinião mais ou menos geral, concorda que o livro nasceu aproximadamente no princípio do século dois ou três da era cristã.

O livro ensina que a Causa Primeira "eterna, sábia, toda poderosa, é a origem e o centro de todo o universo". Todos os seres emanariam desta Causa Primeira. O livro relata, igualmente, que o pensamento, a palavra e a ação formam uma unidade inseparável no Ser divino. A língua hebraica e seus caracteres correspondem às coisas que designam, e assim "pensamentos santos, e sua redução à escritura, forma uma unidade que produz um efeito criador".

Digamos simplesmente que as letras da língua, sejam escritas ou pronunciadas, são elementos de um poder potencial que leva à existência as próprias coisas que representam. Elas não são símbolos como em outras línguas, pensava-se, mas unidades integrais de energia cósmica ou divina.

Sepher Yetzirah

É frequentemente observado por teólogos judeus e cristãos que o sistema Gnóstico Marcionita, bem como o dos Clementinos do segundo século, contêm muitos paralelos ao livro *Sepher Yetzirah*.

Citemos alguns exemplos extraídos do *Sepher Yetzirah*. No Capítulo I, Seção 8, encontramos: *O Espírito do Deus vivo, louvado e glorificado seja o nome Daquele que vive por toda a eternidade. A palavra articulada de poder criador, o espírito e a palavra são aquilo que chamamos de espírito santo.*

Em seguida, no capítulo II, seção 6: *Ele criou uma realidade a partir do nada, chamou o não-ser para a existência, e talhou como pilares colossais a partir do ar intangível* (…) *predeterminou* (concebeu) *e criou pela palavra cada criatura e cada palavra por um nome. Isso pode ser ilustrado através das vinte e duas substâncias elementares tiradas da substância primitiva do Aleph.*

Mantras Poderosos

Aos mantras hindus, compostos de combinações de entoações de sons vocálicos, são atribuídos poderes específicos que afetam as emoções humanas e estimulam os centros psíquicos, chegando a possuir um certo

valor terapêutico. Naturalmente, enquanto Rosacruzes, sabemos que as vibrações da voz humana em combinações específicas de sons vocálicos podem induzir condições psíquicas de natureza estimulante em uma pessoa.

Na maior parte das primeiras civilizações, os deuses eram considerados antropomórficos. Eles eram assim concebidos com qualidades semelhantes às humanas. Se os deuses criavam, eles deveriam ter empregado funções e atributos similares aos dos seres humanos. Em outras palavras, eles deviam pensar e projetar, mas de que forma podiam objetivar suas ideias? O que levava essas ideias a ter uma realidade? Ou, simplesmente, de que forma os pensamentos tornavam-se coisas reais? O comando vocal levava nele uma força, a voz podendo ser ouvida, ela podia ser percebida e podia levar os outros a ação, a executar coisas materiais conforme a ideia que se encontrava por trás das palavras proferidas. Consequentemente, foi fácil supor que os deuses fizeram o mesmo na criação, que suas vozes foram o intermediário que converteu a ideia em uma coisa real.

Nas tradições de diferentes culturas, acreditamos que tenha havido um *fiat*, uma Palavra que teve a eficácia vibratória para, na origem, levar o Cosmos à existência. Afirma-se, também, que a humanidade conhecia esta palavra, mas que, de alguma forma, nas vicissitudes do tempo e com a degradação da humanidade, ela foi perdida.

Misticamente e de fato, algumas palavras, certas palavras, quando pronunciadas, são mais benéficas ao serem ouvidas como sons. O homem primitivo aprendeu o valor dos sons nas exclamações e nos gritos de sofrimento, prazer, surpresa, raiva e assim por diante. Nas antigas escolas de mistérios, certas entoações de mantras eram empregadas para preparar o iniciado a alcançar o estado de consciência adequado e a responder à ocasião.

Podemos afirmar a visão em nosso mundo moderno de que uma única palavra pronunciada não cria toda a realidade a partir da nulidade. No entanto, defendemos o conceito cosmológico de que a realidade básica ou primária é uma energia vibratória. É um espectro ou escala de energia a partir da qual todas as coisas se manifestam. Nossas interpretações das sensações e a compreensão que temos de tal energia vibratória não são arquétipos exatos dela. Em outras palavras, não experimentamos diretamente a realidade absoluta, mas apenas os efeitos que ela exerce em nossa consciência. ✔

Três Meditações Cabalísticas do *Sepher Yetzirah*

Por **JULIE SCOTT, SRC**

Neste artigo, a Grande Mestre Julie Scott nos apresenta três meditações cabalísticas usando técnicas do Sepher Yetzirah.

De acordo com os ensinamentos rosacruzes, o *Sepher Yetzirah*, o mais antigo de todos os textos cabalísticos, é um manual de meditação. O Dr. Isidor Kalisch, tradutor da edição publicada pela Ordem Rosacruz - AMORC[1] do *Sepher Yetzirah*, o descreve como um ensaio metafísico. Aryeh Kaplan escreve: "O que temos, portanto, no *Sepher Yetzirah*, parece ser um manual de instrução, descrevendo determinados exercícios meditativos."[2] Algumas das técnicas meditativas no *Sepher Yetzirah* incluem a combinação das letras hebraicas em cânticos, contemplando as suas formas e criando imagens das letras em nossas mentes e com as nossas mãos.

Vamos experimentar estas técnicas abaixo.

As Letras Hebraicas

Acredita-se que as vinte e duas letras hebraicas contêm ou irradiam a energia essencial do que elas representam. Por exemplo, Mem representa a água e a essência ou características da água. Dalet representa uma porta, e a energia essencial ou o poder de um portal. A proposta de certas

meditações cabalísticas é manifestar ou ativar a energia essencial ou poder associado, dentro de nós e ao nosso redor.

Além disso, a forma de cada letra possui um significado e pode nos dizer mais além do que o nível intelectual. Muitas meditações cabalísticas incluem o trabalho com as formas das letras hebraicas.

Cada letra hebraica funciona como um numeral, assim como uma letra. Alef é uma letra, mas é também o número 1, Bet é uma letra e é também o número 2, etc. Quando as letras são combinadas para formar uma palavra, cada palavra tem também um valor numérico baseado no total dos numerais das letras desta palavra.

Uma lista com cada letra hebraica, nome, significado ou essência/energia essencial, e valor numérico é apresentada na Tabela n° 1:

Letra	Nome	Significado	Número
א	Alef	Boi	1
ב	Bet	Casa	2
ג	Gimel	Camelo	3
ד	Dalet	Porta	4
ה	Hay	Janela	5
ו	Vav	Gancho	6
ז	Zayin	Arma	7
ח	Chet	Cerca	8
ט	Tet	Cobra	9
י	Yud	Mão	10
כ	Kaf	Palma da Mão	20
ל	Lamed	Aguilhão	30
מ	Mem	Água	40
נ	Nun	Peixe	50
ס	Samekh	Apoio	60
ע	Ayin	Olho	70
פ	Pay	Boca	80
צ	Tzaddi	Anzol	90
ק	Kuf	Nuca	100
ר	Resh	Cabeça	200
ש	Shin	Dente	300
ת	Tav	Cruz	400

Tabela n° 1 - Alfabeto Hebraico

Combinando as Letras Hebraicas: A Meditação dos 231 Portões.

Quando combinamos as vinte e duas letras hebraicas entre si (por exemplo, AlefBet, AlefGimed, AlefDalet, etc) criamos os 231 Portões.

Do *Sepher Yetzirah*:

2:2 "Vinte e duas letras fundamentais foram reunidas por Deus em um círculo de 231 Portões, um círculo o qual oscila para frente e para trás."

2:4 "Deus pesou e combinou Alef com todas as letras e todas as letras com Alef, Bet com todas e todas com Bet, e assim por diante com cada uma delas. Assim, de todas as letras surgiram os 231 Portões e emanaram de um (único) Nome."

Por vezes os 231 Portões são ilustrados como na Mandala na Pág. seguinte. Se colocarmos as letras hebraicas em pontos iguais ao redor do círculo e conectarmos cada letra com todas as outras letras, as linhas que as conectam formam este desenho.

Você encontrará uma gravação da meditação dos 231 Portões online em https://www.youtube.com/watch?v=Hrp3bqTRGSg .

Para facilitar o acompanhamento desta meditação, criamos a tabela n° 2 mostrando as combinações das letras com as letras hebraicas escritas em inglês. Para facilitar a leitura, esta tabela está escrita da esquerda para a direita, enquanto o hebraico é lido da direita para a esquerda. Incluímos ainda um guia de pronúncia - Tabela n° 3.

Mandala

Esfera

Enquanto ouvimos a gravação da meditação dos 231 Portões, cante junto ou apenas contemple as letras - cada letra individualmente, como elas se combinam, ou ao redor da mandala esférica, como elas são pronunciadas. Ou cante-as do seu próprio modo.

Você também pode optar por desenhar as linhas na esfera 01 acima em branco conectando cada letra com as outras, em silêncio ou enquanto elas estão sendo cantadas.

Reserve bastante tempo e privacidade para esta meditação.

Enquanto isso mantenha-se receptivo para quaisquer impressões que você possa receber.

Criando imagens das letras hebraicas em sua mente.

A concentração intensa e a visualização são aspectos importantes de muitas práticas meditativas, incluindo as técnicas rosacruzes de concentração e contemplação, e alguns exercícios cabalísticos.

O *Sepher Yetzirah* fornece instruções de como aprofundar o foco e a visualização das letras hebraicas, harmonizando-se assim com seu poder e energia.

2:3 "Vinte e duas letras fundamentais foram gravadas por Deus, esculpidas, pesadas e combinadas."

Esta técnica grava as letras em nossas mentes, então esculpe-as, preenchendo toda a nossa consciência.

A Tabela nº 4 (na página 27) mostra cada uma das 22 letras hebraicas. Escolha uma e concentre-se em sua imagem. Feche seus olhos e veja-a claramente com seus olhos mentais.

Veja a letra esculpida ou resplandecente com cor e vida contra um fundo contrastante. Então veja o fundo esculpido ou resplandecente com cor e vida por trás da imagem vazia. Agora escolha uma outra letra e faça a mesma coisa. Enquanto isso mantenha-se receptivo a qualquer impressão que possa receber.

Criando imagens das letras hebraicas com as suas mãos

Depois de fazer o exercício acima mentalmente, pegue lápis de cor ou canetas e faça a mesma coisa nas páginas desta revista (ou faça cópias) - grave, esculpa, troque, pondere e transforme as letras de modo a preencher toda a sua consciência.

Enquanto estiver fazendo isso, mantenha a sua mente receptiva a qualquer impressão que pos-

Os 231 Portões

Leia de cima para baixo a cada duas colunas (par de letras), começando pela esquerda.

| | | |

Tabela nº 3 - Guias de Pronúncias das letras hebraicas

א	Alef	AH-lef	ל	Lamed	LAH-med
ב	Bet	BET	מ	Mem	MEM
ג	Gimel	GIH-mel	נ	Nun*	NUN*
ד	Dalet	DAH-let	ס	Samekh*	SAH-mekh
ה	Hay	HAY	ע	Ayin	AH-yin
ו	Vav	VAHV	פ	Pay	PAY
ז	Zayin	ZAH-yin	צ	Tzaddi	TSAH-dee
ח	Chet*	CHET*	ק	Kuf*	KUF*
ט	Tet	TET	ר	Resh	RAYSH
י	Yud*	YUD*	ש	Shin	SHIN
כ	Kaf	KAHF	ת	Tav	TAHV

*Nota: "ch" e "kh" são pronunciados como no alemão "Bach" e no escocês "loch." "U" é pronunciado como o "oo" em "book" e "look."

As dez sefirot na parede ao leste da Sinagoga de Córdova. Espanha. Foto Roy Lindman.

sa receber.

Agora, traga as letras à vida através de uma obra de arte tridimensional.

Primeiro, escolha uma das letras hebraicas e fique completamente familiarizado com seu valor numérico correspondente, essência, pronúncia e forma. Várias imagens com estas informações estão nesta revista para sua referência.

Então, crie uma obra de arte baseada na sua experiência com esta letra. Dê um pouco de tempo para a criação se manifestar. Faça a obra o mais tridimensional possível. Elevando, aprofundando, gravando, esculpindo a letra, e acrescente outras qualidades, como som ou cheiro.

Durante o trabalho, mantenha sua mente receptiva a todas as impressões que possa receber.

Depois de ter concluído a sua obra de arte, desconstrua-a dentro de 22 dias após a conclusão, retornando o maior número de peças possível de volta à natureza.

Os ensinamentos rosacruzes e martinistas incluem muitas lições, meditações e exercícios cabalísticos. A Cabala é de fato uma das mais importantes fontes contribuintes para os ensinamentos rosacruzes e ainda mais para os ensinamentos martinistas.

Se você achou estas meditações interessantes, então você pode achar as lições rosacruzes e martinistas que tratam da Cabala especialmente inspiradoras e benéficas. ✔

Tabela nº 4 - O Alfabeto Hebraico

Nota da autora: *Muito obrigada a Lloyd Abrams, Ph.D., FRC por criar os gráficos originais para este artigo e por servir como um conselheiro muito útil para esta edição do Rosicrucian Digest.*

NOTAS

1 Isidor Kalisch, *Sepher Yezirah, A Book on Creation*, (San Jose: Rosicrucian Order, AMORC, 2002).

2 Aryeh Kaplan, Sefer Yetzirah: The Book of Creation, (Newburyport, MA and San Francisco, CA: Red Wheel/Weiser, 1997).

Simbolismo

Masculino e Feminino na Cabala[1]

Por **LLOYD ABRAMS, PhD, FRC**

Lloyd Abrams, PhD, FRC, atua no Conselho Editorial da Revista Rose-Croix (www.rosecroixjournal.org) e é um dos instrutores da Universidade Rose-Croix Internacional. Ele apresentou vários programas e workshops sobre a Cabala. Neste artigo, ele explica muitos dos conceitos essenciais da Cabala e os relaciona ao simbolismo masculino e feminino na Cabala.

Quando lidamos com conceitos espirituais e metafísicos intangíveis, é útil fazer uso de símbolos e metáforas derivadas de experiências familiares diárias. A Cabala tem sido descrita como "o alfabeto de símbolos no qual a linguagem espiritual foi construída."[2] Dois termos simbólicos importantes na Cabala são o "masculino" e o "feminino". Embora não indique especificamente homens e mulheres, o simbolismo cabalístico faz uso de alguns aspectos desses termos para comunicar, por analogia, certas características de conceitos e processos espirituais.

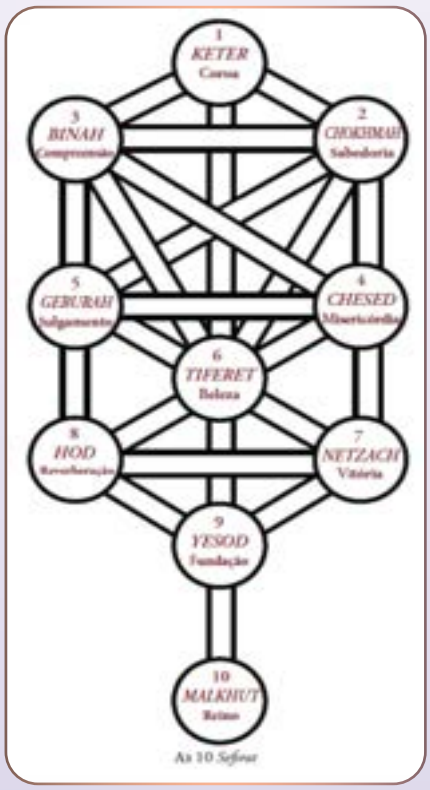
Na tradição cabalística, especialmente no Zohar e nos ensinamentos de Isaac Luria (1534-1572), enquanto a natureza essencial da Divindade não é masculina nem feminina, algumas das formas nas quais a Divindade se manifesta e se relaciona com o mundo são diferenciadas uma da outra por serem conceituadas simbolicamente como masculina ou feminina. Além disso, os processos que criam e sustentam o Universo são compreendidos em termos simbólicos retirados por analogia da reprodução humana.

A Cabala faz uma distinção entre a natureza essencial da Divindade e suas diversas emanações e manifestações. A natureza essencial e o mais elevado aspecto do Divino é *Ain Sof*, que significa infinito, sem limites ou ilimitado. *Ain Sof* transcende todas as categorias de pensamento. É uma unidade desconhecida, sem forma e infinita - nem masculina nem feminina. Enquanto *Ain Sof* é a unidade absoluta, o mundo é caracterizado pela dualidade, pares de opostos, polaridades. O símbolo arquetípico para isso na Cabala é o masculino e o feminino. Ele é o arquétipo de contrastes ou par de opostos. O gênero humano é apenas uma manifestação concreta desse conceito mais generalizado.

As Sefirot

Ain Sof cria e sustenta o mundo através da emanação da Luz Infinita (*Ain Sof Or*), que flui para baixo dando origem a uma série de dez Sefirot. Cada Sefirá é um atributo ou função diferente da Divindade, como ela se manifesta em cada nível sucessivo.

Na Cabala, a polaridade masculina-feminina se refere à direção deste fluxo, do dar e receber. Especificamente, ela se refere ao dar e receber Luz Divina. Este simbolismo se baseia no processo de procriação. O pai dá sua semente para a mãe. A mãe recebe a semente no útero, onde ela toma a forma da nova criatura. Assim, dar está associado



As 10 *Sefirot*

ao masculino e receber está associado ao feminino. Então, de certo modo, cada Sefirá pode ser vista tanto como feminina quanto masculina - feminina em relação à Sefirá anterior, a partir da qual ela recebe a Luz, e masculina quanto à próxima Sefirá logo abaixo, à qual dá a Luz[3]. Em geral, no entanto, cada Sefirá é identificada como masculina ou feminina.

A semente do pai é sem forma, indiferenciada. É no ventre da mãe que o embrião toma forma e se separa em vários órgãos e membros. "Sem Forma" está, portanto, associada ao masculino, e "Forma" está associada ao feminino.

Como a Luz Infinita flui para baixo a partir de *Ain Sof*, as *Sefirot* servem como vasos para receber e conter a Luz. Em cada nível sucessivo de emanação, os vasos se tornam cada vez mais densos e a Luz é cada vez mais velada, eventualmente culminando em nosso mundo material. A Luz tende a se expandir infinitamente em todas as direções, enquanto os vasos contêm e restringem as coisas dentro dos limites. Portanto, o masculino está associado à expansividade enquanto o feminino está associado à restrição.

Na terminologia cabalística, todos estes pares de opostos ou conceitos complementares são simbolizados pelo arquétipo do masculino e do feminino: dar e receber, sem forma e forma, luz e vasos, expansividade e restrição.

O Partizufim

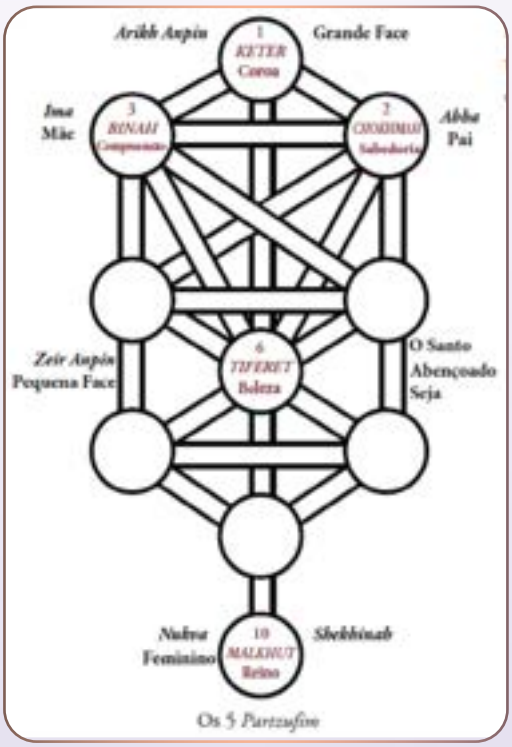
O ***Partzufim*** (faces) são representações antropomórficas de diferentes aspectos da Divindade. São personificações de funções das *Sefirot*. Isaac Luria inspirou-se em termos e conceitos do Zohar e construiu um elaborado sistema de *Partzufim* para descrever em detalhes como as *Sefirot* se relacionam entre si e com nosso mundo.[4]

O *Partzuf* da primeira Sefirá, Keter, é chamado *Arikh Anpin*, traduzido como *Longa Face* ou *Grande Face*. A Cabala Cristã e Hermética frequentemente usa a tradução em latim deste termo, *Macroprosopus*. Keter é também personificado como *Atika Kadisha* (O Santo Ancião) e como *Atik Yomin* (O Ancião de Dias).

A segunda *Partzuf*, associada com a *Sefirá Chokhmah* (Sabedoria) é *Abba* (Pai). A *Partizuf* de *Binah* (Compreensão) é *Ima* (Mãe). Diz-se que *Chokhmah* impregna *Binah* com a Luz, e *Binah* então concebe todas as outras *Sefirot* inferiores. *Abba* e *Ima* personificam esta ideia. Essa é uma união sexual metafórica entre *Abba* e *Ima*, *Pai* e *Mãe*, que gera um fluxo descendente da Luz que concebe as sete *Sefirot* inferiores.[5]

O Ancião de Dias, de Willian Blake

A próxima *Partizuf* é *Zeir Anpin* (Pequena Face, *Microprosopus*). O termo "Pequena Face" está em contraste com a "Grande Face" de *Keter.* De certa forma, *Zeir Anpin* é a contraparte inferior ou o reflexo de *Arikh Anpin*. *Zeir Anpin* consiste nas seis Sefirot seguintes: *Chesed* (Misericórdia), *Geburah* (Julgamento), *Tiferet* (Beleza), *Netzach* (Vitória), *Hod* (Reverberação), e *Yesod* (Fundação). Essas seis *Sefirot* foram associadas com os seis dias da Criação descritos no primeiro capítulo do Gênesis. Isto é compatível com a metáfora da União Sexual de *Abba* (*Chokhmah*) e *Ima* (*Binah*) como o ato criativo dando origem a tudo abaixo deles.



Os 5 *Partzufim*

Embora seja composta de todas estas seis *Sefirot*, *Zeir Anpin* é geralmente representado por uma única Sefirá, *Tiferet*[6]. A união de *Abba* (Pai) e *Ima* (Mãe) dá origem à *Zeir Anpin*; então *Zeir Anpin* (*Tiferet*) é chamado de "O Filho". Refere-se a ele também como "O Santo, abençoado seja".

O *Partzuf* da décima *Sephirá*, *Malkuth* (Reino) é *Nukva*, "A Mulher". *Nukva* é também conhecida como a Noiva de *Zeir Anpin*, que é o Noivo ou o Esposo. Como *Malkhut* é um aspecto da Divindade que reside no mundo material, ele é também chamado de *Shekhinah* (da origem hebraica que significa "habitar-residir") "A Divina Presença".

Então existem dois pares masculino-feminino do *Partzufim*: *Abba* e *Ima*, Pai e Mãe, cuja união emana as *Sefirot* inferiores, e *Zeir Anpin* e *Nukva*, o Filho e Sua Noiva, cuja união cria o fluxo da Luz Divina e de suas bênçãos para o nosso mundo.

No imaginário do Zohar, a união de *Tiferet* e *Malkhut* também dá origem às almas humanas, que descem para se unir aos corpos físicos criados pela união terrestre do marido e da mulher.

Quando a *Shekhinah* se une com sua parceira, *Tiferet*, almas emanam do rio que jorra de *Yesod*. Motivado por Sua paixão vinda de baixo, o fluxo de almas flui para dentro Dela[7].

"E saía um rio do Éden para regar o Jardim." (Gênesis, 2:10). Da união do masculino e feminino - significando, naturalmente, a transcendência - vem todas as almas que animam os homens. A inferência é que o rio Éden é o rio da vida, ou como sinônimo é o rio das almas, e neste caso devemos entender que o Éden Superior é o lugar das Núpcias Divinas, enquanto o Jardim que foi regado pelo rio era o local de núpcias inferior... No momento da união do Noivo e da Noiva todas as almas se originaram no rio celestial[8].

O Santo e Sua Shekhinah

Neste sistema, o relacionamento entre *Tiferet* e *Malkhut* afeta crucialmente o estado de nosso mundo. Quando "O Santo, abençoado seja", e a *Shekhinah* se unem sexualmente, o fluxo da Luz Divina e das bênçãos para o nosso mundo aumenta. Mas quando eles se afastam um do outro, o fluxo de Luz e as bênçãos diminuem, e a influência do mal ganha força em nosso mundo. As ações humanas podem afetar as ações do *Partzufim* (o que está embaixo, é como o que está em cima). O comportamento pecaminoso faz com que o Santo e a *Shekhinah* se afastem um do outro. Eles podem ser impelidos a se voltar um para o outro e se unirem quando vivemos de acordo com a Vontade Divina, cumprindo os mandamentos. (Há um total de 613 mandamentos da Torá, os cinco primeiros livros da Bíblia hebraica.)

O mundo quando foi criado era um verdadeiro Jardim do Éden porque o Santo e a *Shekhinah* estavam "face a face", juntos em

SEFIRÁ	PARTZUF	OUTROS NOMES	NOME DIVINO
Keter Coroa	*Arikh Anpin* Grande Face	*Atika Kadisha, Atik Yomin* O Santo, Ancião dos Dias	*Ehyeh*
Chokhmah Sabedoria	*Abba* Pai		*Yah*
Binah Compreensão	*Ima* Mãe		*Elohim*
Tiferet Beleza	*Zeir Anpin* Pequena Face	*Kudsha Berikh Hu*, Filho, Noivo O Santo, Abençoado Seja	YHVH
Malkhut Sabedoria	*Nukva* Feminino	*Shekhinah*, Noiva A Divina Presença	*Adonai*

Tabela nº1: Correspondências de Nomes.

um constante abraço tal como *Hokhmah* e *Binah*. Assim, as bênçãos divinas percorriam o sistema sem interrupção, fluindo através de todos os "hospedeiros" da *Shekhinah* e "palácios," assim como em um mundo inferior idealizado. Apenas o pecado de Adão e Eva... perturbou esta harmonia inicial. Desde a expulsão do Éden, a união de *Tiferet* e *Malkhut*, ou Santo Abençoado e *Shekhinah*, tem sido mais esporádica do que constante, dependendo do equilíbrio entre as virtudes e as transgressões humanas.[9]

A harmoniosa relação entre *Tiferet* e *Malkhut,* ou como essa relação era mais conhecida, "*Yihud Kudsha Berikh Hu u-Shekhintei*" (a união do Santo, Abençoado Seja e sua Divina Presença) é crucial para o bem-estar do mundo. Apenas quando a união entre os dois poderes divinos é alcançada, o fluxo proveniente de *Ain Sof* (O Infinito) pode ser transmitido para o mundo inferior. Esta harmonia, que foi perturbada pelo pecado primordial, assim como por todos os pecados em geral, pode ser restaurada pelo cumprimento cabalístico dos mandamentos.[10]

Ele e eles (os cabalistas em particular) partilham a tarefa de restaurar a unidade cósmica, de colocar o divino masculino e feminino face a face para que as luzes possam brilhar por todo o universo, e para que as águas da vida possam fluir através Dela para nutrir e sustentar todos os mundos abaixo.[11]

"A união do Santo Abençoado e sua *Shekhinah*" tornou-se para os cabalistas castelhanos o grande objetivo da vida religiosa, e praticamente todos os mandamentos foram vistos como parte deste esforço.[12]

Para os cabalistas, não é suficiente apresentar os mandamentos de forma casual ou automática. Deve-se ter uma *Kavanah* adequada, isto é, a intenção mental adequada e a mente concentrada para provocar um efeito no reino superior. Antes de cumprir um mandamento, a fim de atingir a consciência, intenção e foco necessários, o cabalista recita uma fórmula que começa com: "Pelo bem da Unificação entre o Santo Abençoado e sua *Shekhinah*..."[13]

Outro modo de induzir a junção do Santo com a *Shekhinah* é quando um marido e mulher se envolvem em relações sexuais de uma forma consistente com os mandamentos e com a intenção teúrgica adequada (*Kavanah*). O marido se identifica com o

Santo, abençoado Seja, e a mulher incorpora a *Shekhinah*, a Divina Presença feminina no mundo.

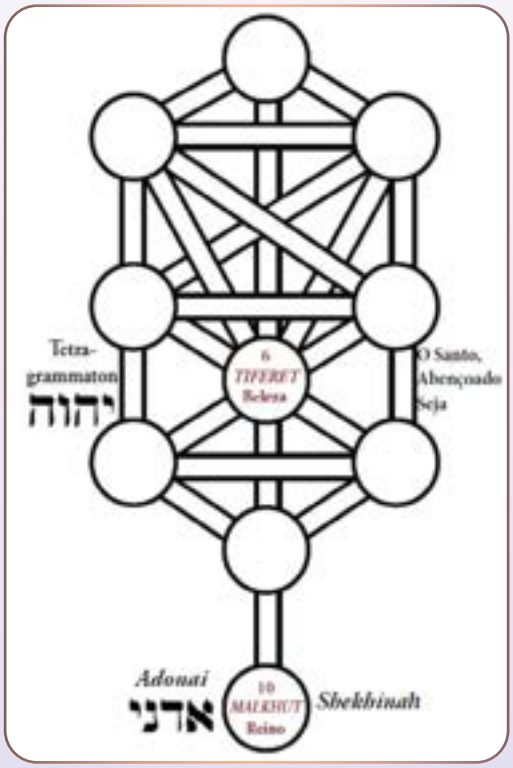
O par humano realiza a união sexual de modo a induzir um estado de harmonia superior. O ato sexual é concebido como repleto de poderes teúrgicos. Com a maioria dos cabalistas, este ato humano reflete tanto as estruturas mais elevadas como as influencia. Portanto, o casamento e a união sexual têm um tremendo impacto nos mundos superiores... Casamento e sexo são transformados em um mistério que reflete o misterioso casamento superior, cujo sucesso é crucial tanto para o Cosmos Divino como para o universo inferior.[14]

O Zohar contém descrições gloriosas da correspondência entre a união superior e a união inferior, assegurando ao leitor que a conexão com sua esposa, realizada dentro das regras haláchicas adequadas e unida pela intenção mística, é potencialmente um ato sagrado e redentor do cosmos, que unifica as *Sefirot* e conduz uma alma sagrada para vir a este mundo.[15]

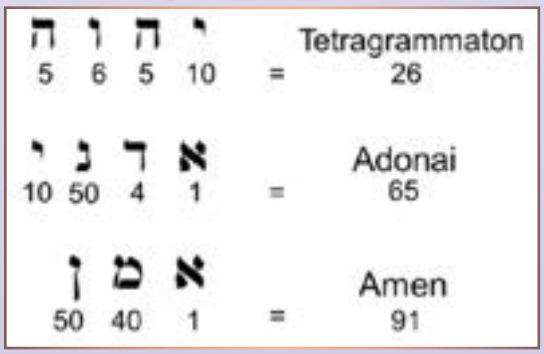
Unindo os Nomes Divinos

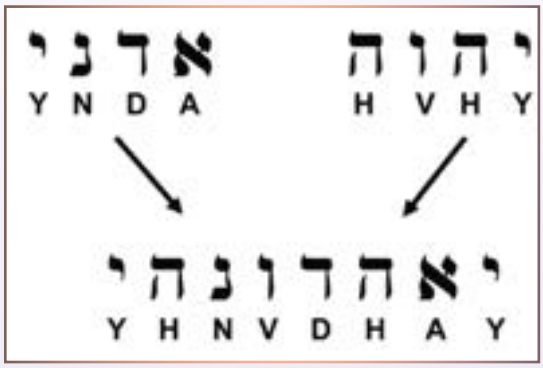
Cada uma das dez *Sefirot* simboliza a manifestação da Divindade em um nível diferente na sequência de emanações, e cada *Sefirá* carrega um Nome Divino diferente. O Nome Divino associado à *Tiferet* é *Tetragrammaton*, composto de quatro letras hebraicas *Yud, Hay, Vav, Hay* (normalmente representado em português como YHVH). O Nome Divino associado à *Malkhut* é *Adonai*, composto de quatro letras hebraicas, *Alef, Dalet, Nun e Yud* (ADNY). Unindo esses dois Nomes Divinos com uma intenção adequadamente concentrada (*Kavanah*) une-se teurgicamente *Tiferet* com *Malkhut*, o Santo, abençoado Seja, com a *Shekhinah*.

Uma forma de unir os nomes YHVH e *Adonai* é juntar (acrescentar) seus valores numéricos. Cada letra do alfabeto hebraico é também um número e cada palavra tem um valor numérico igual à soma de suas



letras. No sistema cabalístico da Gematria, quaisquer duas palavras ou frases que tenham o mesmo valor numérico partilham uma conexão profunda, e são de algum modo equivalentes. O valor numérico de YHVH é 26 e o valor numérico de *Adonai* é 65. A união destes dois nomes resulta na soma de 91. As letras da palavra hebraica *Amen* (*Alef Mem Nun*) também somam 91. Cientes desta equivalência numérica, sempre que alguém diz "Amém" ao final de uma prece ou bênção usando a adequada intenção (*Kavanah*), une-





Amém para Bençãos
(o hebraico é escrito da direita para a esquerda.)

se mentalmente os Nomes Divinos YHVH e *Adonai*, e une-se teurgicamente o Santo e sua *Shekhinah*.

Outra forma de unir os nomes YHVH e *Adonai* é combinar suas letras em um único nome de oito letras. Isto é feito ao pegar uma letra de cada vez, alternadamente, de cada nome até que todas as oito letras tenham sido inseridas em um único nome, que une simbolicamente *Tiferet* e *Malkhut*. Quando se diz "Amém" com a intenção correta ao final de uma prece ou bênção, o nome de oito letras combinadas pode ser visualizado interiormente e entoado mentalmente, assim induzindo teurgicamente a unificação entre o Santo e sua *Shekhinah*.

Há duas formas deste nome de oito letras. Para bênçãos que vêm dos céus, letras alternadas são tiradas primeiro de YHVH e depois de *Adonai*. Para a prece *Kadish*, que envia um louvor ascendente, as letras são tiradas primeiro de *Adonai* e depois de YHVH.

O Pentagrammaton

Na Cabala Cristã, a letra hebraica *Shin* é inserida no meio do Tetragrammaton (YHVH) para produzir o nome de cinco letras (*Yud Hay Shin Vav Hay*) que é uma variante falada do nome hebreu de Jesus, *Yeshua* (também pronunciada *Yeheshua* ou *Yehoshua*). Este nome de cinco letras é chamado de Pentagrammaton, e é considerado o nome secreto de Jesus, "a palavra milagrosa."[16]

Shin é a primeira letra da palavra hebraica *Shekhinah* e, portanto, pode ser usada para representar simbolicamente a *Shekhinah*. A forma da letra *Shin* também se assemelha a um altar com três velas acesas, o símbolo rosacruz para a Presença Divina, que também é chamado de *Shekhinah*. A combinação de *Shin* com YHVH, para formar o nome hebraico de Jesus (YHShVH) poderia então ser vista como outra forma de representar a união entre *Tiferet* e *Malkuth*, o Santo e Sua *Shekhinah*, a transcendente Divindade e a Divina Presença no mundo. ✔

Construção do Pentagrammaton

Pentagrammaton na folha de rosto do "Luz Martinista".

A Shekhinah no Grande Tempo, Bosque Rosacruz, San Jose, Califórnia.

Notas

1 Não há um método universalmente aceito para a ortografia das palavras em hebraico. Em citações diretas de outras obras, a grafia do autor original foi mantida, confiantes de que o leitor não seja afetado pelas inconsistências resultantes da grafia.

2 Henrietta Bernstein, Cabalah Primer: Introduction to English/Hebrew Cabalah (Marina del Rey: DeVorss & Company, 1984), 17.

3 "De acordo com um cabalista do século XVI [R. Moshe Cordovero], todo o processo de emanação pode ser descrito como as sucessivas impregnações e nascimentos das Sefirot umas das outras, começando com Causa Causarum e terminando com a última Sefirá." Moshe Idel, Sexual Metaphors and Praxis in the Kabbalah," in The Jewish Family: Metaphor and Memory, ed. David Kraemer (New York: Oxford University Press, 1989), 210.

4 Hayyim Vital, The Tree of Life: Chayyim Vital's Introduction to the Kabbalah of Isaac Luria. Volume I: The Palace of Adam Kadmon, trans. Donald Wilder Menzi and Zwe Padeh (New York: Arizal Publications Inc., 2008).

5 "As sete Sefirot inferiores foram geradas a partir da união entre Hokhmah e Binah, as sete Sefirot sendo comumente consideradas os 'filhos' das Sefirot superiores. Idel, "Sexual Metaphors," 210.

6 Parece apropriado usar *Tiferet* para representar essas seis *Sefirot*. *Tiferet* está localizada no centro das seis. No diagrama da Árvore da Vida, *Tiferet* é a única *Sefirá* que está diretamente conectada por caminhos às outras cinco. *Tiferet* é a *Sefirá* # 6. Ela está associada ainda à terceira letra do Tetragrammaton, *Vav*, que tem o valor numérico de seis. Ver Vital, Tree of Life, 60.

7 Daniel C. Matt, trans., The Zohar: Pritzker Edition. Vol. III (Stanford: Stanford University Press, 2006), 274.

8 A. E. Waite, The Holy Kabbalah: A Mystical Interpretation of the Scriptures (New York: Citadel Press, 1995), 392-393.

9 Arthur Green, A Guide to the Zohar (Stanford: Stanford University Press, 2004), 75.

10 Idel, "Sexual Metaphors," 207.

11 Green, Guide, 52

12 Ibid., 130.

13 S. P. Berg, The Kabbalistic Daily Prayer Book: Siddur T'filah L'ani For Weekdays (New York: Yeshivat Kol Yehuda Press, 1999), 31.

14 Idel, "Sexual Metaphors," 207-208.

15 Green, Guide, 115.

16 Moshe Idel, "Introduction to the Bison Book Edition," in Johann Reuchlin, On The Art of the Kabbalah: De Arte Cabalistica, trans. Martin and Sarah Goodman (Lincoln: University of Nebraska Press, 1993), xix. G. Lloyd Jones, "Introduction," in Reuchlin, Art of the Kabbalah, 17. Reuchlin, Art of the Kabbalah, 77 and 353.

Pico Della Mirandola e a CABALA

Por **NICHOLAS GOODRICK-CLARKE, D. Phil.**

Nicholas Goodrick-Clarke, D. Phil., Oxon, (1953-2012) era um eminente professor de Esoterismo Ocidental na Universidade de Exeter (http://centres.exeter.ac.uk/exeseso/) e cofundador da Sociedade Europeia para o Estudo do Esoterismo Ocidental. Neste artigo, o Professor Goodrick-Clarke apresenta-nos à extraordinária influência de Pico della Mirandola e da Cabala no pensamento ocidental.

Retirado das págs. 41 a 46 de "A Tradição Esotérica Ocidental: Uma Introdução Histórica; Magia e Cabala no Renascimento Italiano, de Nicholas Goodrick-Clarke, ®2008. Reimpresso com permissão da Gráfica Universitária de Oxford.

Giovanni Pico della Mirandola (1463 - 1494), um jovem contemporâneo de Marsílio Ficino desenvolveu uma variedade ainda mais poderosa de magia renascentista ao introduzir a Cabala Judaica no pensamento Ocidental. A riqueza, nobreza, charme pessoal e beleza de Pico, combinados com seu precioso brilhantismo e sua prematura morte, o tornaram uma figura famosa da Renascença. Diferente de Ficino, clérigo e acadêmico aposentado, Pico teve uma vida diversificada durante os poucos anos que lhe foram concedidos. Suas afirmações ambiciosas sobre a mágica renascentista o levaram inicialmente a conflitos com vários teólogos, e seu trabalho foi condenado pelo Papa Inocêncio VIII. Ele é mais famoso por sua Oração sobre a Dignidade do Homem (1487) que proclama a centralidade, importância e liberdade do homem no universo.

Pico era o filho mais novo na família de condes de Mirandola e Concordia, que governaram como senhores feudais um pequeno território no norte da Itália. Direcionado por sua mãe a uma carreira no serviço eclesial, ele foi nomeado protonotário papal aos dez anos de idade e começou a estudar as leis canônicas em Bolonha em 1741, aos treze anos de idade. Dois anos depois ele começou a estudar filosofia na Universidade de Ferrara, subsequentemente mudando-se em 1482 para a Universidade de Pádua, um dos principais centros aristotélicos. Lá ele se tornou o pupilo do filósofo judeu Elia del Medigo. Nesta época, ele tinha contato com acadêmicos humanistas em lugares diferentes, e visitou Florença repetidas vezes, onde encontrou Ficino. Ele passou anos seguintes em casa e fazendo várias visitas enquanto continuava com seu estudo grego. Em 1486, ele voltou à Florença, mas, após se envolver num estranho caso amoroso, ele se mudou para Perúgia, onde estudou hebraico e árabe sob a orientação de vários professores judaicos, incluindo o misterioso Flavius Mithridates.[1]

Este período marcou o começo de seu interesse na Cabala Judaica, uma tradição medieval mística e especulativa que alegava uma origem ancestral, mas que na verdade era muito influenciada pelo Neoplatonismo. A Cabala Cristã de Pico (o termo latino era comum entre os escritores cristãos renascentistas) se baseou na tradição desenvolvida pelos judeus na Espanha durante a Idade Média. Embora os judeus não terem sido expulsos da Espanha até 1492, sua perseguição pelas autoridades católicas já havia encorajado muitos a fugir para a França e a Itália. Pico aprendeu a Cabala diretamente com o judeu espanhol Flavius Mithridates e outros. Esta transferência cultural da sabedoria judaica do Ocidente comparada à importação do aprendizado grego para o Oriente, ocorrida mais cedo, permitiu que Pico imergisse neste sistema mágico e místico judaico.

Esta Cabala Judaica medieval se baseou na décima Sefirá e nas 22 letras do alfabeto judaico. A doutrina das Sefirot foi apresentada primeiramente no Livro da Criação (*Sefer Yetzirah*) datado do século III d.C., quando judeus gregos eram também receptivos às correntes Neoplatônicas da antiguidade tardia. Nos séculos XII e XIII uma corrente esotérica específica surgiu em Provença e no norte da Espanha com o Livro da Iluminação (*Sefer Bahir*), elaborado por Isaac, o Cego (fl. 1190 -1210). Esta Cabala interpretou as Sefirot como poderes de Deus dispostos numa estrutura específica. O *Bahir* foi também o primeiro texto a descrever as Sefirot como "árvore de emanação", que do século XIV em diante foi retratada num detalhado diagrama conhecido amplamente hoje como a "Árvore da Vida". O *Bahir* também ajudou o desenvolvimento da Cabala Especulativa baseada nas Sefirot como princípios cósmicos dispostos em um grupo primário de três emanações maiores acima de um grupo inferior de sete. A doutrina foi desenvolvida mais tarde no Livro do Esplendor (*Sefer Zohar*), escrito na Espanha durante o século XIII,

que representa a tradição adotada por Pico. As Sefirot são os dez nomes ou expressões de Deus, e o universo criado é visto com a manifestação externa destas forças. Este aspecto criativo das Sefirot as conecta à cosmologia, e há uma relação entre as dez Sefirot e as dez esferas do cosmos, composta das esferas dos sete planetas, a esfera das estrelas fixas, e as esferas mais altas além dessas.[2]

As dez Sefirot estão dispostas num sistema cosmológico conhecido como a "Árvore da Vida", cuja estrutura propicia vinte e dois caminhos entre as várias esferas. Estes caminhos correspondem às letras do alfabeto hebreu, mas também simbolizam anjos ou espíritos divinos que agem como intermediários por todo o sistema e estão eles próprios dispostos em hierarquias. Da mesma forma, há ainda anjos maus ou demônios, organizados em hierarquias correspondentes a seus opostos do bem. O misticismo cabalístico judaico também estava conectado às Escrituras por meio de três formas de técnicas exegéticas baseadas na manipulação de palavras e letras do texto hebraico, conhecidas como *gematria,*

natarikon e *themurah.* Estas ideias derivadas do *Ginnat Egoz (Jardim de Nozes)*, escrito em 1274 pelo castelhano Joseph ben Abraham Gikatilla (1247-1305), um pupilo do famoso cabalista Abraham ben Samuel Abulafia (1240-1292), que apresentou uma cabala extática pela qual as Sefirot levam a uma contemplação mística dos Nomes Divinos do Criador. Estes exercícios eram tipicamente místicos, mas também havia um lado mágico da Cabala. Como uma forma de abordar as Sefirot, setenta e dois anjos poderiam ser invocados por uma pessoa que conhecesse seus nomes e números, e estes também eram eficientes se letras, palavras e sinais hebraicos fossem organizados apropriadamente.

Pico identificou uma maravilhosa simetria entre a Cabala e o Hermetismo. O legislador egípcio Hermes Trismegisto havia revelado ensinamentos místicos, incluindo um relato da Criação que fazia alusão ao seu conhecimento da sabedoria de Moisés. Na visão de Pico, a Cabala oferecia um subsequente corpo de doutrina mística, supostamente derivada do legislador hebreu, e uma visão paralela sobre a cosmologia. Armado com um maior conhecimento de hebraico do que qualquer outro acadêmico não-judeu e seu intenso interesse pela Cabala, Pico formulou uma nova síntese da Magia Hermética-Cabalísticas em vinte e seis "Conclusões Mágicas."

Aqui Pico não considerou a magia medieval como obra do demônio, mas exaltou a "magia natural" como um estabelecimento legítimo de ligações entre o céu e a terra pelo próprio uso de substâncias naturais como recomendado pelos princípios da magia simpática (Conclusão Mágica nº 1). Ele continuou recomendando os encantamentos Órficos para propósitos mágicos (Conclusão Mágica nº 2), evidentemente se referindo à magia de Ficino, cujas práticas ele já conhecia bem através da Academia de Florença.[3]

Confiante nos poderes da Cabala, Pico descreveu então as limitações da prática Ficiniana. Pico considerou a mágica natural de Ficino como uma forma fraca e ineficaz de magia, a menos que fosse combinada com a Cabala (Conclusão Mágica nº 15). Da mesma forma, ele afirmou que nenhum poder mágico poderia ser exercido sem o conhecimento de hebraico (Conclusão Mágica nº 22), e até dispensou o cântico órfico para operações mágicas na ausência da Cabala (Conclusão Mágica nº 21). Em suas Conclusões Cabalísticas e *Apologia* (1487), Pico distingue várias formas de Cabala. Ele divide a "Cabala Especulativa" em quatro tipos: primeiro, a manipulação mística das letras, seguida da pesquisa dos três mundos - a sensibilidade ou o mundo terrestre, o mundo celestial das estrelas, e o mundo supercelestial das Sefirot e dos anjos.[4]

Estas últimas categorias foram de importância primordial para a magia de Pico. Pico afirma que este tipo de Cabala é uma "forma de capturar os poderes das coisas superiores" e é "a parte suprema da magia natural". Enquanto a magia natural não visa nada além do mundo terrestre e das estrelas, a Cabala pode ser usada para atuar além, nas esferas super celestiais dos anjos e arcanjos, as Sefirot e Deus. A magia natural usa caracteres, mas a Cabala usa números através de seu uso de letras (Conclusão Mágica nº 25). A magia natural usa apenas causas intermediárias, as estrelas. A Cabala vai direto na primeira causa, o próprio Deus (Conclusão Mágica nº 26).[5]

Pico desenvolve em sua *Apologia* como cabalistas podem usar os nomes hebraicos secretos de Deus e os nomes de anjos, invocando-os na poderosa linguagem hebraica ou por combinações mágicas do sagrado alfabeto hebraico. Assim como há espíritos sagrados nestes planos superiores, seres espirituais mais elevados, grandes demônios também habitam estas regiões. Pico alerta solenemente o cabalista para trabalhar com o espírito de piedade (Conclusão Mágica nº 6). Em suas setenta e duas conclusões mágicas, Pico demonstra seu conhecimento detalhado do sistema judaico. Ele escreve que o cabalista pode se

Giovanni Picco de La Mirandola

comunicar com Deus através de arcanjos num êxtase que pode resultar na morte do corpo, uma forma de morrer conhecida como "Morte do Beijo" (Conclusão Cabalística nº 11). Ele organiza uma tabela que mostra as correspondências entre as dez esferas do cosmo e as dez Sefirot (Conclusão Cabalística nº 48). Ele também descreve os estados da alma em relação aos significados das dez Sefirot (como a unidade, o intelecto, a razão) e tradicionalmente liga a mais alta Sefirot à mais baixa, em uma disposição circular (Conclusão Cabalística nº 66).[6]

A Oração sobre a Dignidade do Homem

A famosa *Oração sobre a Dignidade do Homem* de Pico foi escrita como uma introdução às suas novecentas teses, que ele levou consigo para Roma em 1486 para se envolver em um grande debate público. A *Oração* foi corretamente reconhecida com uma obra prima de retórica, celebrando a recém conquistada independência e confiança do homem renascentista. A declaração de Pico marca uma mudança radical entre a mente medieval e a mente moderna, um tremendo aumento do senso de autonomia e dignidade do homem que havia crescido com o humanismo. A *Oração* também rejeita como inadequada as bases tradicionais para a importância do homem no mundo: a sua razão e o seu lugar no microcosmo. Pico afirma que a verdadeira grandeza do homem reside na sua liberdade de se tornar tudo o que ele deseja ser. Tanto os animais quanto os anjos têm o seu lugar determinado no universo e são impotentes para mudar suas naturezas. Mas Deus deu ao homem, único de todas as criaturas, a ausência de residência, forma ou função fixas. Livre de tais limitações, ele tem o poder de mudar e se desenvolver, para transformar e moldar a si mesmo.[7]

Giovani Picco de La Mirandola (no meio) com Agnolo Poliziano (à direita) e Marsilio Ficino (à esquerda). Cosimo Rosselli, Chiesa di S. Ambrogio, Florença. 1484 - 1486). www.pico-kabbalah.eu/

Qual era o objetivo final da liberdade existencial do homem? Imaginando Deus se

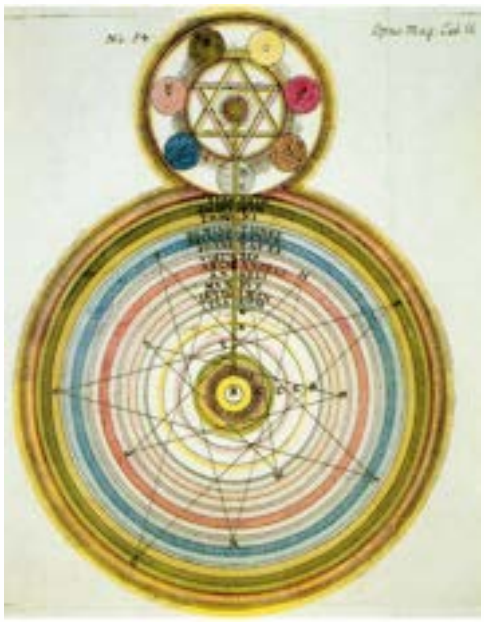
dirigindo à Adão, Pico atribui ao homem o poder de renascer em formas mais elevadas. Pico abre a *Oração* com a citação: "Um grande milagre, *Asclepius*, é o homem". Enquanto os Padres da Igreja colocaram o homem numa posição digna como o mais elevado dos seres terrestres, como um espectador do universo, Pico estava citando o texto Hermético *Asclepius,* com sua promessa de igualdade do homem com os deuses: "O homem é um milagre, algo vivo a ser adorado e honrado, pois ele muda de natureza como um deus, como se ele fosse um deus... Unido aos deuses por um parentesco divino, ele despreza interiormente aquela parte dele que é mundana."[8]

Apresentando o conteúdo de suas novecentas teses, Pico abrange todos os filósofos e mistérios que estudou. A tônica de sua *philosophia nova* é uma tentativa de estabelecer uma concordância ou correlação entre todas as filosofias antigas apoiando-se em uma teologia pura (*prisca theologia*). Em homenagem ao seu precoce aprendizado (ele tinha apenas vinte e quatro anos de idade), os nomes dos latinos Duns Escoto, Tomás de Aquino, Giles de Roma, Franciscus de Mayronis, Alberto Magno e Henrique de Gand são seguidos pelos árabes Avicena, Averroes e al-Farabi. Há mais tempo, retornando à antiguidade, ele recorre aos peripatéticos gregos e, então, aos Neoplatônicos Plotino, Porfírio, Jâmblico e Proclo. Na própria fonte da sabedoria antiga, encontra-se Pitágoras, Mercurius (Hermes) Trismegistus, Zoroastro e os "Sábios Cabalistas Hebreus", cujo conhecimento, Pico afirma que foi mais tarde detectado por al-Kindi, Roger Bacon e William de Paris[9]. Entretanto, os grandes temas de Magia e Cabala ecoam na *Oração*. A "antiga teologia de Hermes Trismegistus" e "os mistérios ocultos dos hebreus" oferecem os principais meios para a promoção do homem aos reinos divinos. "Assim como o fazendeiro une seus olmos às videiras, o mago também une o céu à terra". A *Oração* faz alusão à sabedoria esotérica conhecida apenas por poucos. Pico fala da lei oculta hebraica, transmitida apenas a iniciados, e relembra o simbolismo das esfinges nos templos egípcios, indicando que doutrinas místicas devem ser mantidas em segredo da multidão comum[10].

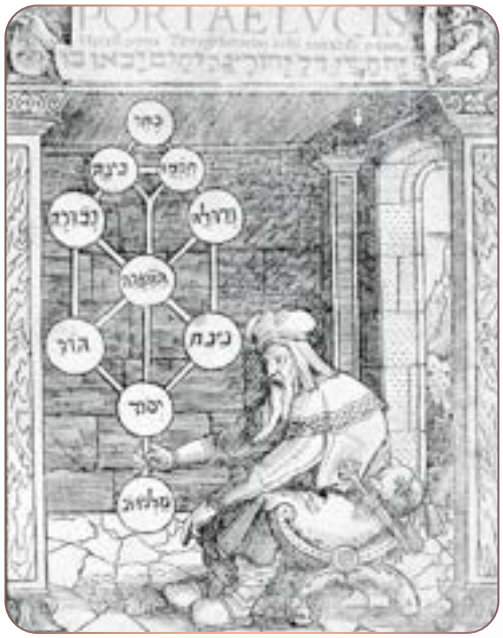
A carreira subsequente de Pico foi turbulenta. Assim que ele publicou suas novecentas teses, vários teólogos romanos iniciaram um protesto em razão de sua característica herege e o Papa Inocêncio VIII designou uma comissão para examiná-las. Pico foi chamado diversas vezes para se apresentar diante desta comissão, e várias das teses foram condenadas. Destemido, em maio de 1487, Pico publicou, junto com parte da *Oração*, uma apologia defendendo as teses condenadas. Este desafio o envolveu em novas dificuldades, e bispos com poderes inquisitórios foram designados para lidarem com seu caso. Em julho, Pico fez uma submissão e retratação formal à comissão, e em agosto o Papa emitiu uma bula condenando todas as teses e proibindo suas publicações. Lourenço de Médici intercedeu por Pico com o Papa, e então Pico foi autorizado a viver em Florença sob a proteção de Médici. Em 17 de novembro de 1494, o dia em que os exércitos do Rei Charles VIII da França invadiram Florença, Pico morreu de uma febre. Ele tinha 31 anos de idade.[11]

Ficino e Pico foram figuras seminais no renascimento do Hermetismo, Neoplatonismo, Magia, e Cabala na Renascença europeia. Seus interesses no poder da magia simpática e cabalística para realizar mudanças na natureza sinalizam uma nova apreciação da habilidade do homem de operar no mundo comum, através do conhecimento e aplicação das correspondências entre os mundos superior e inferior. Como Frances Yates havia sugerido, essa atitude antecipou a exploração e confiança da ciência natural. Entretanto, suas ênfases na hierarquia de intermediários espirituais na forma de atributos, letras, números, transmutação da alma, indicam que esta filosofia da natureza estava

intimamente ligada à experiência religiosa e à uma aproximação de Deus. A magia da Renascença é, assim, uma forma de ciência sagrada.✔



Nº 54, Opus Mag. Cab ii



Notas

1. Frances Yates oferece um capítulo resumido sobre a vida de Pico e sua contribuição para a magia Cabalística em *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, pp. 84-116. Cf. Paul Oskar Kristeller, *Eight Philosophers of the Renaissance,* pp. 54-71. Para seu professor judeu, veja a introdução de Chaim Wirszubiski de sua edição de Flavius Mithridates, *Sermo de Passione Dei* (Jerusalém, 1963) e seu artigo *Giovanni Pico's Companion to Kabbalistic Symbolism* em *Studies in Mysticism and Religion*, apresentado para G. G. Scholem (Jerusalém, 1967), pp. 353-362
2. Para um relato interessante do desenvolvimento histórico da Cabala Judaica como uma corrente do esoterismo ocidental, veja Kocku von Stuckrad, *Western Esotericism*, pp. 31-41. Estudos definitivos são oferecidos por Gershom Scholem, *Kabbalah* (New York: Penguin/ Meridian, 1978), e *Origins of the Kabbalah*, editado por R. J. Werblowsky, traduzido por A. Arkush (Princeton, NJ.: Princeton University Press, 1990); Moshe Idel, *Kabbalah: New Perspectives* (New Haven, Conn.: Yale University Press, 1988); *The Early Kabbalah*, editada por Joseph Dan, traduzida por R. C. Kiener (New York: Paulist Press, 1986)..
3. Kristeller, *Eight Philosophers of the Renaissance*, pp.61f, menciona o tema do sincretismo e interesse de Pico em estabelecer "concordância" (a quinta característica do esoterismo de Faivre) entre a Cabala e a Bíblia dentro da *prisca theologia* identificada com Hermes e Zoroastro. Uma monografia substancial sobre o pensamento de Pico com referência especial ao seu debate romano e o texto completo de suas novecentas teses é apresentado por *Stephen Alan Farmer*, *Syncretism in the West*: *Pico's 900 Theses* (1486), *Medieval and Renaissance Studies 167* (Tempe: Arizona State University Press, 1998).
4. F. A. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, pp. 91, 95.
5. Ibid., pp. 96-97.
6. Ibid., pp. 98-102.
7. A Oração sobre a Dignidade do Homem é abordada por Kristeller, *Eight Philosophers of the Renaissance*, pp. 65-68. Veja ainda a tradução inglesa do texto e comentários de Kristeller em *The Renaissance Philosophy of Man*, editada por Ernst Cassirer, Paul Oskar Kristeller, John Herman Randall (Chicago: University of Chicago Press, 1956), pp. 215-256
8. Kristeller, *Renaissance Philosophy of Man*, p. 223; a citação se refere a sexta passagem

Asclepius de Brian P. Copenhaver, *Hermetica: The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English Translation* (Cambridge: Cambridge University Press, 1992), p. 69..

9. S. A. Farmer, *Syncretism in the West*, pp. 204-205, apresenta um panorama das primeiras quatrocentas teses de Pico que remonta a filosofia dos escolásticos latinos até os antigos harmoniosos e "sábios Cabalistas Hebreus". Essa pesquisa quase histórica reflete a insistência de Pico nas correspondências dentro de uma cosmologia de emanação. Cf. *Oration, in The Renaissance Philosophy of Man*, pp. 242-249.
10. Kristeller, *Renaissance Philosophy of Man*, p. 250.
11. Kristeller, *Eight Italian Philosophers of the Renaissance*, pp. 56-57.

A ORDEM CABALÍSTICA da Rose-Croix

Por **CHRISTIAN REBISSE, FRC**

Em seu livro "Rosa+Cruz História e Mistérios", Christian Rebisse descreve as muitas tradições que contribuíram para o que se tornaria a Ordem Rosacruz - AMORC e, por extensão, a Tradicional Ordem Martinista - TOM. O excerto abaixo descreve brevemente a história da Ordem Cabalística da Rose-Croix e de seus fundadores que influenciaram consideravelmente as duas tradições.

A Ordem Cabalística da Rose-Croix, sentados à frente estão, da esquerda para a direita, Papus, Joséphin Péladan e Stanislas de Guaita.

Enquanto Joséphin Péladan estava saboreando o sucesso de seu primeiro romance, seu irmão Adrien faleceu no dia 29 de setembro de 1885, envenenado por um remédio dosado erroneamente por seu farmacêutico. Um artigo anunciando seu falecimento no jornal *Le Messager de Toulouse* o apresentava como rosacruz. O texto estava assinado por "um R+C Católico". Por trás dessa assinatura, podemos ver Firmin Boissin, o editor chefe desse jornal. Acrescentamos que este último conhecia o fotógrafo Clovis Lassalle, que lhe foi apresentado pelo tipógrafo, Paul Édouard Privat. H. Spencer Lewis, por sua vez, encontraria Clovis Lassalle muitos anos mais tarde em Toulouse.

Durante esse período, a amizade entre Joséphin Péladan e Stanislas de Guaita tomou forma e, aconselhado pelo escritor, este último entrou em contato com Firmin Boissin. No dia 12 de agosto de 1886, Stanislas de Guaita informou a Joséphin que recebera uma longa e sábia carta de seu amigo "Bois+sin". A forma como ele escreveu esse nome, com uma cruz no meio, era estranha, e é curioso constatar que, após essa correspondência, Stanislas de Guaita passou a assinar suas cartas com a fórmula "R+C" e a chamar Joséphin Péladan de "meu caro Frater".[1] Pode-se então concluir que ele foi recebido na Ordem por Firmin Boissin?

Os acontecimentos parecem ter chegado ao auge neste momento. Muitos ocultistas vivendo em Paris eram membros da Sociedade Teosófica, mas continuavam decepcionados com seus ensinamentos excessivamente orientais. Gérard Encause (1865-1916), mais conhecido como Papus, estava entre eles. Como estudante de medicina, ele teve a

oportunidade de trabalhar com Dr. Jules Luys, que havia feito alguns estudos com hipnose no *La Charité Hospital* em Paris. Foi lá que encontrou Augustin Chaboseau (1868-1946), com o qual logo reorganizaria a Ordem Martinista. Em 1888, após o falecimento de seu presidente, Louis Dramart, a divisão francesa da Sociedade Teosófica foi fragmentada. Ele publicou seu *Traité élémentaire de science occult* (Tratado Elementar de Ciências Ocultas; 1888), um livro com o qual ele desejava restaurar o esoterismo ocidental e igualar o ocultismo às matérias ensinadas nas universidades. Mais tarde, em setembro de 1889, Pierre-Gaëtan Leymarie (1817-1904), que dirigia o movimento espírita desde a morte de Allan Kardec, organizou um congresso espírita e espiritualista internacional no qual participaram Papus, F.-Ch. Barlet, Augustin Chaboseau e Chamuel. Esse importante evento permitiu que os ocultistas se libertassem do movimento Teosófico, principalmente quando o periódico *L'Initiation*, lançado por Papus e seus colegas em outubro de 1888, começava a ter algum sucesso. Procurando se colocar sob os auspícios de uma tradição secular, os ocultistas tentaram fazer do Rosacrucianismo e do Martinismo os pilares do novo tempo que desejavam edificar. Joséphin Péladan e Stanislas de Guaita associaram-se a esse projeto e, como a Rose-Croix estava adormecida em Toulouse, eles decidiram renová-la. "A Antiga Ordem da *Rose-Croix*, estava prestes a se extinguir, fazia três anos, [o autor escreveu em 1890], quando dois herdeiros diretos de suas augustas tradições resolveram prosseguir com a renovação ao consolidá-la em novas bases [...] e agora a vida circula intensamente no organismo místico do colosso rejuvenescido".[2]

Assim, dirigindo-se de Toulouse para Paris (1887-1888), a Rose-Croix renovada tornou-se a Ordem Cabalística da Rose-Croix. Essa ordem era conduzida por um conselho supremo de doze membros, sendo que seis deles permaneciam desconhecidos, e seu papel consistia em reedificar a organização se por alguma causa ela fosse dissolvida. Dentre aqueles que em algum momento foram membros do "Conselho de Doze", citamos: Stanislas de Guaita, Joséphin Péladan, Papus, A.Gabrol, Henry Thorion, F.-Ch. Barlet, Augustin Chaboseau, Victor-Émile Michelet, Sédir e Marc Haven. A Ordem foi estruturada com uma hierarquia de três graus alcançados por meio de exames (Bacharel em Cabala, Mestre em Cabala e Doutor em Cabala) e o ingresso na Ordem era reservado aos membros martinistas do Grau S.I.

A Rose-Croix do Templo e do Graal

Graças ao periódico *L'Initiation*, a Ordem se tornou conhecida e logo o grupo de ávidos ocultistas veio bater à porta do templo. Stanislas de Guaita, que vivia como eremita em seu apartamento térreo na Avenida Trudaine, permitiu que Papus organizasse os assuntos. Contudo, a personalidade instável de um artista como Joséphin Péladan não estava adaptada à associação com um organizador energético como Papus. Este queria abrir a Ordem e expandi-la. Ao contrário, Joséphin Péladan queria restringir o acesso a iniciados seletos e não estava de acordo com o aspecto maçônico que Papus queria introduzir na Ordem. As posturas dos dois homens eram difíceis de conciliar,

principalmente à medida que Joséphin Péladan repreendia Papus por sua preferência pelo ocultismo e pela magia. Juntamente com Abbé Alta, um dos membros eminentes da Ordem Cabalística da Rose-Croix, Joséphin repreendeu Papus por confundir ocultismo e esoterismo. Em 17 de fevereiro de 1891, Péladan escreveu uma carta para Papus, publicada na edição de abril do periódico *L'Initiation*, que rompia a relação. Herdeiro de uma tradição que sentia estar prestes a perder a sua missão, Péladan decidiu trabalhar de forma diferente e, assim, criou em maio de 1891 a Ordem da Rose-Croix do Templo e do Graal (também chamada de Ordem da Rose-Croix Católica do Templo e do Graal) a qual ele já se referia em *Le Vice suprême*, seu primeiro romance, em 1884. Em junho de 1891, ele se apresentou como o Grande Mestre desta nova ordem, usando o nome de Sâr Mérodack Péladan. Foi concedido a este evento um espaço considerável no *Figaro,* e essa grande publicidade irritou profundamente Papus e seus colegas que denunciaram a separação de Péladan. ✔

Joséphin Péladan

Símbolo da Ordem Cabalística da Rose-Croix

Notas

1 *Lettres inédites de Stanislas de Guaita au Sâr Joséphin Péladan*, editada por Édouard Bertholet e Émile Dantinne (Neuchatel: Éditions rosicruciennes, 1952).

2 (Guaita, Stanislas de, "Au seuil du Mystére", Essais de sciences maudites, Paris, George Carré, 1890, pág. 158[No Umbral do Mistério, Ensaios de ciências malditas, publicado em português pela Ed. Martins Fontes, em associação com a Sociedade de Ciências Antigas]).

A Cabala: Tradição Secreta do Ocidente

Por **PAPUS**

Gérard Encausse, Médico (1865-1916), mais conhecido por seu pseudônimo místico, Papus, foi um dos cofundadores da Ordem Martinista e da Ordem Cabalística da Rose-Croix (1888). Como observado no artigo anterior, a Ordem Cabalística da Rose-Croix foi estruturada em uma hierarquia de três graus recebidos após avaliação – Bacharel em Cabala, Mestre em Cabala e Doutor em Cabala.

O texto seguinte é um excerto do livro escrito por Papus, intitulado A Cabala: Tradição Secreta do Ocidente. Tradução feita pela equipe da Grande Loja.

A Cabala

Chegamos agora à parte superior da tradição, à Doutrina Secreta ou Cabala, a verdadeira alma desta tradição.

É possível ver na tabela indicada tabela n°1) que a parte teórica da Cabala é a única seção por nós conhecida, ainda permanecendo secretas as seções da cabala mágica ou prática, ou sendo apenas mencionadas em alguns manuscritos raros.

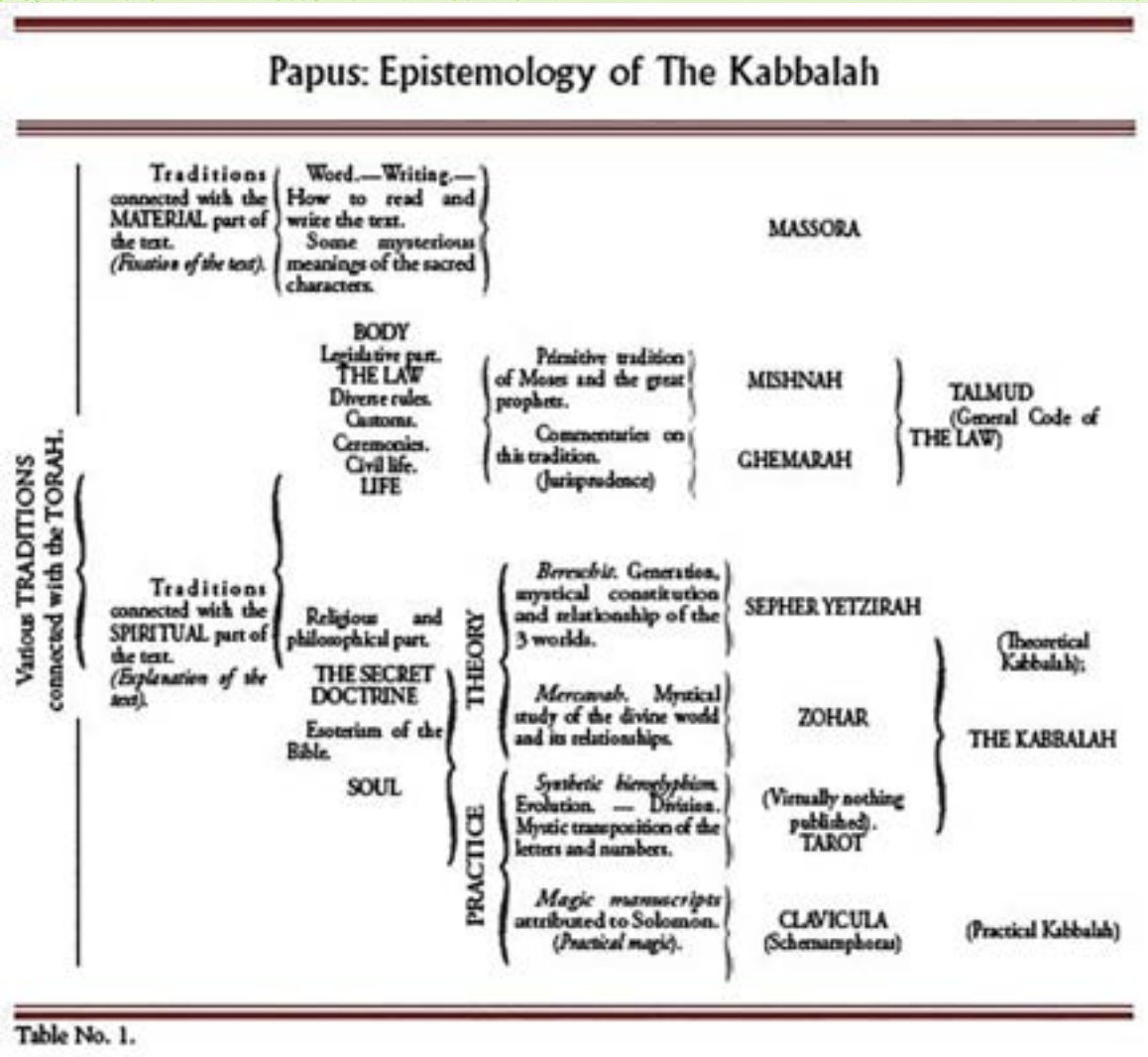


Table No. 1.

* Confira tradução da tabela na página 48

Tradução Tabela:

Papus – Epistemologia da Cabala

1. Várias TRADIÇÕES conectadas com o TORAH.
2. Tradições conectadas com a parte MATERIAL do texto. (*Fixação do texto*).
3. Palavra – Escrita – Como ler e escrever o texto. Alguns significados misteriosos das figuras sagradas.
4. Tradições conectadas com a parte ESPIRITUAL do texto. *(Explicação do texto)*.
5. CORPO – Parte Legislativa. A LEI. Diversas regras. Costumes. Cerimônias. Vida civil. VIDA.
6. Tradição primitiva de Moisés e dos grandes profetas.
   Comentários sobre essa tradição (Jurisprudência)
7. MISHNAH – GHEMARAH
8. MASSORA
9. TALMUD (Código geral da LEI)
10. Parte religiosa e filosófica.

A DOUTRINA SECRETA
Esoterismo da Bíblia
ALMA
PRÁTICA – TEORIA

11. Bereschit. Geração, constituição e relação mística dos três mundos.
Mercavah. Estudo místico do mundo divino e suas relações.
Hierofismo Sintético. Evolução. Divisão. Transposição mística de letras e números.
Manuscritos mágicos. Atribuídos à Salomão. (Mágica prática).

12. SEPHER YETZIRAH
ZOHAR
(Praticamente nada publicado). TARÔ
CLAVICULA (Schemamphoras)

13. (Cabala teórica)
A CABALA
(Cabala Prática)

Tabela nº1

1. Cabala Teórica

A parte teórica tem sido considerada de pontos de vista bem diferentes pelos autores que examinaram esta questão. Façamos um breve exame dos princípios mais importantes de seus trabalhos.

O primeiro grupo de pesquisadores, o mais numeroso, seguiu as divisões fornecidas pelos próprios cabalistas. Este foi o plano seguido pelo Sr. Ad. Franck em seu nobre trabalho (1843), por Eliphas Levi (1853) e pelo Sr. Isidore Loeb (inserção *Cabbale* na *Grande Encyclopédie*).

Os principais assuntos da especulação mística da época eram a *obra da carruagem* (*maasse mercaba*), por alusão à Carruagem de Ezequiel, e a *obra da criação* (*maasse bereschit*).

A obra da carruagem, que é também a grande obra (*dabar gadol*), aborda os seres do mundo sobrenatural, Deus, os poderes, os conceitos fundamentais, a "família celestial", como algumas vezes é chamada; a obra da criação aborda a geração e a natureza do mundo terrestre.

A divisão é a seguinte:

CABALA
Maasse Mercaba - ZOHAR (obra da carruagem)
Maasse Bereschit - SEPHER YETZIRAH (obra da criação)

Outros autores, como o Sr. S. Munk, dividem o Cabala da seguinte forma:

CABALA		
1.	Simbólica:	Cálculos Místicos Themurah Gematria Notarikon
2.	Positivo, Dogmático:	Anjos e demônios Divisões Transmigração de almas
3.	Especulativa e metafísica	Sephirot, etc.

É possível ver que o Sr. S. Munck tende para a antiga divisão adotada por certos cabalistas, notadamente *Kircher*.

Contudo, a mais completa divisão da Cabala, na nossa opinião, é a de *Molitor*: é esta que adotamos na tabela geral indicada anteriormente, pois tem o mérito de estar em conformidade, de modo geral, com as divisões geralmente adotadas enquanto vai além delas, complementando-as como se fosse por reconhecimento de uma parte prática.

CABALA		
TEÓRICA	BERESCHIT Sepher Yetzirah MERCABA Zohar	Primeiro grau. Lendas históricas. *Haggadah.* Segundo grau. Moral prática.
PRÁTICA	Praticamente nada escrito MANUSCRITOS MÁGICOS (*Clavicula*)	Terceiro grau. Doutrina Mística (*Magia Prática*)

O ensinamento tradicional, trino como a natureza e as necessidades humanas, era ao mesmo tempo *histórico*, *moral* e *místico*; assim, a escritura sagrada continha um triplo sentido:

1. O literal, o sentido histórico (*pashut*), que corresponde ao corpo e a forma quadrangular do templo;
2. Ensinamentos morais (*drusch*) para a alma ou o sagrado;
3. E por último, o sentido místico (*sod*), que representa o espírito e o sagrado dos sagrados.

O primeiro, composto de certas histórias extraídas da vida dos antigos patriarcas, foi transmitido de geração a geração, como muitas das lendas populares. Encontra-se disperso em vários lugares na

forma de comentários nos manuscritos bíblicos e nas paráfrases caldeias.

O sentido moral olhava todas as coisas do ponto de vista prático, enquanto o místico, elevando-se acima do mundo visível e transitório, pairava incessantemente na esfera do eterno.

Assim, o sentido místico exigia uma disciplina secreta, exigindo uma devoção incomum da alma.

Estas duas condições eram solicitadas para a iniciação de um discípulo, independentemente de idade ou condição, pois por vezes acontecia de um pai instruir os filhos ainda muito jovens.

Essa elevada tradição se chama Cabala (em hebreu KIBBEL, reunir). Em sua forma exterior, a palavra esconde a aptidão da alma para conceber ideias sobrenaturais.

A Cabala era dividida em duas partes: a teórica e a prática.

1. Tradições patriarcais sobre o sagrado mistério de Deus e das pessoas divinas.
2. A criação espiritual e a queda dos anjos.
3. A origem do caos, matéria e a renovação do mundo durante os seis dias da criação.
4. A criação da pessoa visível (humanidade), sua queda e os caminhos divinos que conduzem a sua reintegração.

Dito de outra forma, ela tratava da:

- A obra da criação (*Masse Bereschit*)
- A carruagem celestial (Mercabah)

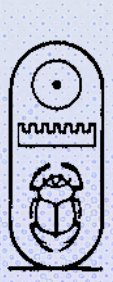
A obra da criação consta no *Sepher Yetzirah*.

Fomos responsáveis pela primeira tradução francesa deste livro (1887). Desde então, uma tradução mais elaborada surgiu, graças a originais mais completos, feita por Mayer-Lambert. Recomendamos entusiasticamente este trabalho de grande seriedade. Lamentamos apenas a ausência de uma bibliografia, que teria sido útil a todos os interessados.

Dentro das possibilidades, a fim de que o leitor possa complementar a nossa tradução, que se encontra mais a frente, fornecemos abaixo uma tabela resumindo os desenvolvimentos adicionais do *Sepher Yetzirah*. Modificamos as relações dos planetas e dos dias da semana, uma vez que relações anteriores nos parecem ter sido estabelecidas erroneamente devido a pouco entendimento da conexão entre a ordem dos planetas e a ordem dos dias. O relógio egípcio dado por Alliette (Etteila) mostra claramente a origem deste erro.

A obra da carruagem celestial consta no *Zohar*. Uma vez que não possuímos aqui espaço para tradução deste livro (já existentes em latim e inglês), contentamo-nos com o excelente resumo do Sr. Isidore Loeb na *Grande Encyclopédie* (inscrição *Cabbale*).

O Zohar é um comentário cabalístico sobre o Pentateuco. Não é certo que o tenhamos em sua forma original, e a forma que temos talvez seja obra de várias pessoas. Trata-se de uma vasta compilação incluindo, juntamente com ideias do escritor ou escritores, outras obras mais ou menos antigas, como Livro do Secreto, A Grande Assembleia, A Assembleia Menor, Livro das Tendas Celestiais, O Pastor Fiel, O Discurso de um Jovem [Pessoa] e outros. ✔



LETRA		UNIVERSO	ANO	HOMEM	MUNDO MORAL
א	Alef AR	Atmosfera	Temperatura (primavera ou outono)	Tórax	Regra de Equilíbrio
מ	Mem ÁGUA	Terra	Inverno	Estômago	Plano de Falha
ש	Shin TERRA	Céu	Verão	Cabeça	Plano de Mérito
ב	Bet	Saturno	Sábado SÁBADO	Boca	Vida e Morte
ג	Gimel	Júpiter	Domingo QUINTA-FEIRA	Olho direito	Paz e Infortúnio
ד	Dalet	Marte	Segunda-feira TERÇA-FEIRA	Olho esquerdo	Sabedoria e Insensatez
כ	Kaf	Sol	Terça-feira DOMINGO	Narina direita	Riqueza e Pobreza
פ	Pay	Vênus	Quarta-feira SEXTA-FEIRA	Narina esquerda	Cultura e Esterilidade
ר	Resh	Mercúrio	Quinta-feira QUARTA-FEIRA	Ouvido direito	Graça e Feiura
ת	Tav	Lua	Sexta-feira SEGUNDA-FEIRA	Ouvido esquerdo	Dominação e Servidão
ה	Hay	Áries	Março	Fígado	Visão e Cegueira
ו	Vav	Touro	Abril	Bexiga	Audição e Surdez
ז	Zayin	Gêmeos	Maio	Baço	Odor e Inodoro
ח	Chet	Câncer	Junho	Ventre	Fala e Mutismo
ט	Tet	Leão	Julho	Rim direito	Fartura e Fome
י	Yud	Virgem	Agosto	Rim esquerdo	Coito e Castração
ל	Lamed	Libra	Setembro	Intestino grosso	Atividade e Impotência
נ	Nun	Escorpião	Outubro	Intestino delgado	Solidez do Passo e Claudicação
ס	Samekh	Sagitário	Novembro	Mão direita	Raiva e Remoção do Fígado
ע	Ayin	Capricórnio	Dezembro	Mão esquerda	Riso e Remoção do Baço
צ	Tzaddi	Aquário	Janeiro	Pé direito	Pensamento e Remoção do Coração
ק	Kuf	Peixes	Fevereiro	Pé esquerdo	Sono e Langor

A Cabala e a Cosmologia Contemporânea: Descobrindo a Ressonância

Por **DANIEL C. MATT, Ph.D**

Daniel C. Matt, Ph.D. uma das maiores autoridades do mundo em misticismo judaico, trabalhou como professor de Espiritualidade Judaica na Graduate Theological Union em Berkeley, Califórnia, por mais de vinte anos. Ele recebeu seu título de Ph.D. da Brandeis University e lecionou ainda na Stanford University e na Hebrew University em Jerusalém.

Este artigo se baseia no livro do Dr. Matt Deus e o Big Bang: descobrindo a harmonia entre ciência e espiritualidade*, publicado pela Jewish Lights. Dr. Matt é ainda o autor de* A Cabala Essencial *e de uma tradução comentada em muitos volumes do Zohar intitulada* O Zohar: edição Pritzker. *Este artigo foi reimpresso com autorização do autor.*

No princípio houve o Big Bang, há quatorze bilhões de anos. O vácuo primordial estava desprovido de matéria, mas não estava realmente vazio - ao contrário, permanecia num estado de energia mínima, repleto de potencial, fervilhando de partículas virtuais. Por meio de uma flutuação quântica, uma espécie de bolha, surgiu uma semente quente e densa, menor que um próton, mas já contendo toda a massa e energia do nosso universo. Em menos de um tri-

lionésimo de segundo, esta semente resfriou e expandiu-se descontroladamente, mais rápido do que a velocidade da luz, inflando até o tamanho de uma toranja. A expansão então diminuiu sua velocidade, mas nunca parou.

Em seus primeiros segundos, o universo era uma sopa indiferenciada da matéria e radiação. Demorou alguns minutos para as coisas esfriarem o suficiente para formar núcleos, e pelo menos 300.000 anos para formar átomos. Por eras, nuvens gasosas se expandiam. Enormes bolas cintilantes de gás quente formaram estrelas. Nas profundezas dessas estrelas, reações nucleares deram à luz a elementos como carbono e ferro. Quando as estrelas envelheciam, elas explodiam, espalhando esses elementos em todo universo. Por fim, essa matéria se reciclava em novos sistemas solares. Nosso sistema solar é um exemplo desta reciclagem, uma mistura de matéria produzida por ciclos de estrelas - estrelas se formando e explodindo. Nós, juntamente com todo o resto, somos literalmente feitos de poeira de estrelas.

A Terra se formou e começou a resfriar há cerca de quatro bilhões e meio de anos. Cerca de um bilhão de anos depois, vários microrganismos tinham se desenvolvido. Exatamente como, ninguém sabe. Nós sabemos que a primeira atmosfera da Terra era composta de hidrogênio, vapor de água, dióxido de carbono e de gases simples como amônia e metano. Em tal clima, os compostos orgânicos podem ter se sintetizado espontaneamente.

Ou talvez a vida tenha chegado à Terra na forma de esporos de Marte ou de outro sistema solar em nossa galáxia ou outra galáxia no universo. Contudo, deu-se início à vida e todas as suas formas compartilham códigos genéticos semelhantes, podendo ser rastreados até um ancestral comum. Todos os seres vivos são primos.

Nós, humanos, gostamos de pensar em nós mesmos como o auge da criação, e é verdade que somos as coisas mais complexas no universo. Nosso cérebro contém cem bilhões de células, ligadas por cem trilhões de conexões sinápticas. Ainda assim, somos parte do processo evolutivo, descendentes de bactérias que viveram há três bilhões e meio de anos. No ventre de nossas mães, cada um de nós refaz todo o desenvolvimento que vai desde a ameba até o ser humano. Nossa espécie - *Homo sapiens* - é a de um primata que se desenvolveu na África, separando-se a partir da linha evolutiva dos chimpanzés há cerca de sete milhões de anos. Ainda compartilhamos com os chimpanzés 99% dos nossos genes ativos. Se me permitem a expressão, nós somos um macaco aprimorado.

O Big Bang é uma teoria, não um fato. Para os cosmólogos, ele oferece a mais convincente explicação da evolução do universo: "a melhor aproximação da verdade que possuíamos atualmente". Pode provar-se errado. É mais provável que ele por fim seja envolvido em uma teoria maior. O consenso científico é que a teoria do Big Bang está correta dentro de seu domínio específico: a evolução do nosso universo de talvez um bilionésimo de segundo depois de suas origens até o presente. O que aconteceu antes da primeira fração de um segundo reside além dos limites da teoria. O termo "Big Bang" sugere um começo definido em um tempo finito, mas a teoria não se estende tão longe. A origem definitiva do universo ainda é insondável.

Uma versão da teoria, conhecida como inflação eterna foi desenvolvida por Andrei Linde. Esta versão retrata um universo que, continuamente se reproduzindo, alcança a imortalidade. O nosso universo seria apenas um dos inúmeros universos bebês, uma das incontáveis bolas ou "bolhas" que se autorreproduzem. Em cada uma dessas bolhas, as condições iniciais diferem e diversos tipos de partículas elementares interagem de maneira inimaginável. Talvez, diferentes leis da física se apliquem a cada uma delas.

Nem todos os domínios inflam em grandes bolhas, mas aqueles que o fazem, como o nosso, dominam o volume do universo e fazem brotar outras bolhas em uma cadeia de reação perpétua. O universo inteiro é uma árvore da vida, um aglomerado de bolhas conectadas umas às outras, crescendo exponencialmente

com o tempo. Cada universo bebê nasce no que pode ser considerado um Big Bang - ou deveríamos dizer um pequeno "Bang"? - uma flutuação do vácuo seguida de inflação.

Se as especulações de Linde estão corretas, talvez devêssemos traduzir as palavras de abertura de Gênesis não como "No princípio...", mas "Em **um** princípio, Deus criou o céu e a terra". Na verdade, isso representa uma tradução mais literal do original hebraico: *Be-Reshit*: "Em um princípio".

A ciência não tem um consenso sobre a origem definitiva. Algumas teorias defendem um começo bem definido, outras não, como a de Stephen Hawking. No entanto, ambas sugerem uma leitura radicalmente nova de Gênesis. Se Deus criou o mundo falando, a linguagem divina é energia; o alfabeto é as partículas elementares; a gramática de Deus é as leis da natureza. Muitos cientistas têm percebido uma dimensão espiritual na busca por essas leis. Para Einstein, discernir as leis da natureza era uma forma de descobrir como Deus pensa.

Mas o universo tem um propósito? Há sentido para a nossa existência? Por que devemos viver eticamente? Neste caso, a cosmologia não pode nos ajudar muito. Darwin intensifica o nosso problema. Somos diferentes dos outros animais? Conseguimos transcender a violência e selvageria? Como a esposa de um Bispo anglicano comentou, ao ouvir a teoria de Darwin: "Descendente de macacos! Meu querido, esperemos que isso não seja verdade, mas se for, oremos para que não se torne de conhecimento geral". Seu comentário ecoa o medo de que o conhecimento da verdadeira natureza dos nossos antepassados ameace desfazer o tecido social.

Perdemos o nosso mito. Um mito é uma história, imaginada ou verdadeira, que nos ajuda a tornar a nossa experiência compreensível ao oferecer uma construção da realidade. É uma narrativa que obtém ordem a partir do caos. Não estamos satisfeitos em ver os eventos como desconectados e inexplicáveis. Desejamos entender a ordem subjacente no mundo. Um mito nos diz por que as coisas são do jeito que são e de onde elas vieram. Tal relato não é apenas confortável, seguro e socialmente útil; ele é essencial. Sem um mito, não há sentido ou propósito para a vida. Existe apenas o vazio imenso.

Os mitos fazem mais do que explicar. Eles guiam os processos mentais, condicionando a forma como pensamos, e até mesmo como percebemos. Os mitos ganham vida ao servirem como modelos para o comportamento humano. Na sexta-feira à noite, a medida em que minha família começa o *Shabat* (o sábado), por vezes imagino Deus, tendo criado o mundo em uma semana muito cheia, e finalmente fazendo uma pausa. De acordo com a Bíblia, *Shavat va-yinnafash* "Deus descansou e se revigorou". Esta imagem mítica me possibilita fazer uma pausa, diminuir o ritmo e apreciar a criação. Ao observar o *Shabat*, eu estou imitando o divino. A Ordem reemerge do caos iminente da vida.

O que fazemos quando os mitos da tradição são desfeitos, quando o Deus da Bíblia nos parece tão inacreditável? Existe realmente alguém "lá em cima" no controle, traçando o curso da história, estendendo a mão para resgatar os necessitados, registrando as nossas boas e más ações para recompensa e punição? Muitas pessoas abandonaram a segurança da crença tradicional, é mais provável que experimentem um vazio profundo e doloroso do que a plenitude satisfatória da presença de Deus. Se eles acreditam em algo, talvez seja na ciência e na tecnologia. E o que a ciência pode fornecer em troca dessa crença? Progresso em todos os campos, exceto em um: o verdadeiro sentido da vida. Alguns cientistas insistem que não existe nenhum sentido. Como escreveu um importante físico: "Quanto mais sabemos sobre o universo, mais fica evidente que ele é inútil e sem sentido".

O Big Bang é uma história contemporânea da criação. A energia se transforma em matéria, que se transforma novamente em energia. Não existe um plano preciso para a criação, executado com antecedência. Por uma complexa e irreproduzível combinação de acaso e necessidade, a humanidade evoluiu a partir e

juntamente com inúmeras outras formas de vida ao longo de bilhões de anos. Em última análise, nossa história evolutiva é edificante, pois nos permite ver que somos parte de um todo, de uma unidade.

Ser "religioso" significa, nas palavras de um físico contemporâneo, um sentimento intuitivo da unidade do cosmos. Essa unidade está fundamentada em fatos científicos: nós somos feitos da mesma substância que toda a criação. Tudo o que é, foi ou será começou como um ponto infinitesimal: a semente cósmica.

Desde então, a vida se ramificou, mas isso não deve nos cegar para a sua subjacente unidade. A maravilha mais profunda é a unidade *na* diversidade, a vasta gama de manifestações materiais de energia. Tornar-se consciente da unidade multifacetada pode nos ajudar a aprender a viver em harmonia com os outros seres humanos e com todos os seres, assim como com todas as nossas transformações companheiras de energia e matéria.

Se o Big Bang é o nosso novo mito de criação, a história que explica como o universo começou, então quem é Deus? "Deus" é um nome que damos para a unidade de tudo.

Como você pode nomear a unidade? Como você pode nomear o inominável? A tradição mística judaica, a Cabala, oferece um grande número de possibilidades. Uma delas é *Ein Sof*, literalmente: "não tem fim". *Ein Sof* é o Infinito ou, emprestando uma frase do místico cristão Meister Eckhart, o Deus além de Deus.

Os cabalistas por vezes usam um nome mais radical do que *Ein Sof*. Este nome é *Ayin* - nada. Encontramos este termo bizarro também entre os místicos cristãos: João Escoto Erígena chama Deus de *nihil*; Eckhart, *nihts*; São João da Cruz, *nada*. Chamar Deus de "nada" não significa que Deus não existe. Em vez disso, transmite a ideia de que Deus não é algo. Deus anima todas as coisas e não pode ser contido por nenhuma delas. Deus é a unidade que não é uma coisa específica, uma coisificação.

Esse nada místico não é nem vazio, nem estéril, é fértil e transbordante, gerando inúmeras formas de vida. Os místicos ensinam que o universo surgiu do nada divino, da mesma forma como vimos os cosmólogos falarem do vácuo quântico, repleto de potencial, gerando as sementes cósmicas. Este vácuo é tudo menos vazio - uma espuma efervescente de partículas virtuais, constantemente aparecendo e desaparecendo.

Como o universo emergiu deste nada prolífico? Conforme o Cabala e a teoria do Big Bang clássica, essa transição foi marcada por um único ponto. Os físicos chamam esse ponto de singularidade: um ponto infinitamente denso no espaço-tempo. A singularidade é ao mesmo tempo destrutiva e criativa. Qualquer coisa caindo em uma singularidade funde-se com ela, perdendo sua identidade enquanto a energia emergindo de uma singularidade pode transformar-se em qualquer coisa. As leis da física não se aplicam à fração de segun-

Vista Visível do Pilar e Jatos HH 901/902. NASA, ESA e M. Livio e a Equipe do 20º Aniversário do Telescópio Hubble (STScI).

do na qual a energia ou massa emerge.

De acordo com o cabalista do século XIII, Moisés de Leon: "O início da existência é um ponto oculto e secreto. Este é o princípio de todas as coisas ocultas, que se disseminaram a partir deste ponto e emanam de acordo com as suas espécies. A partir de um único ponto, você pode estender as dimensões de todas as coisas".

À medida em que a emanação continua, e Deus começa a se desdobrar, o ponto se expande em um círculo. Da mesma forma, desde o Big Bang, o nosso universo tem se expandido. Sabemos isso graças ao astrônomo Edwin Hubble, que mediu a velocidade com a qual outras galáxias estão se afastando de nós. Em 1929 Hubble determinou que quanto mais longe uma galáxia está de nós, mais rápido ela está se afastando. O universo está se expandindo em todas as direções. Não é que o universo esteja se expandindo dentro do espaço, o próprio espaço está se expandindo.

A consequência mais dramática da descoberta de Hubble é o que ela nos diz sobre a origem do nosso universo. Basta tocar a fita de Hubble ao contrário: se o universo está agora se expandindo, significa que já foi muito menor. Menor quanto? Conforme a teoria clássica do Big Bang, se retornarmos longe o suficiente no espaço-tempo e refazermos os caminhos das galáxias e sua formação, toda a massa-energia do universo se contrai no tamanho de uma singularidade - o ponto infinitesimal a partir do qual o cosmos resplandeceu na existência. Um cabalista, Shim'on Lavi, compreende a expansão como parte do ritmo da criação:

Com o aparecimento da luz, o universo se expandiu.

Com a ocultação da luz, as coisas que existem foram criadas em toda a sua variedade.

Este é o mistério do ato de Criação.

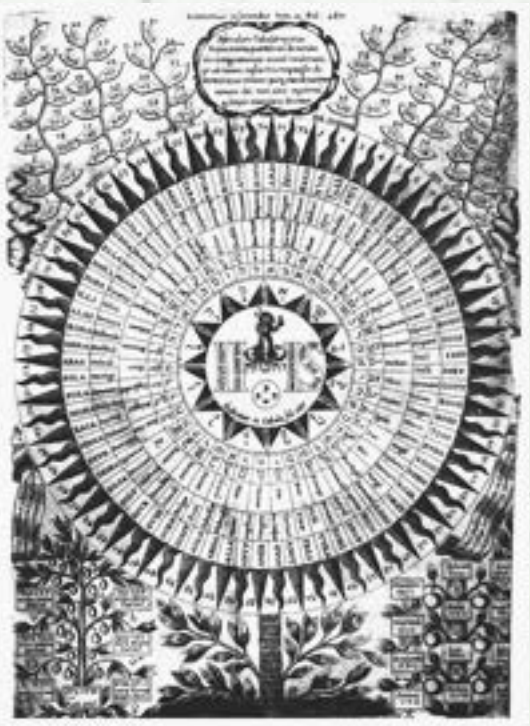
Aquele que puder compreender, compreenderá.

Quando a luz resplandeceu, começou o tempo e espaço. Mas o universo primordial era uma sopa indiferenciada de energia e matéria. Como a matéria emergiu deste caldo? O místico escreve que a luz foi ocultada. Um cientista diria que a energia congelou. A matéria é energia congelada. Nem núcleo nem átomo poderiam se formar até que alguma quantidade de energia resfriasse o suficiente para que pudesse ser consolidada e integrada em partículas estáveis da matéria.

A Maior Galáxia fotografada pelo Telescópio Hubble com a nova Alta Definição, NASA, ESA, K. Kuntz (JHU), F.Bresolin (Universidade do Havaí), J. Trauger (Laboratório de Propulsão a Jato), J. Mould (NOAO), Y.-H.Chu (Universidade de Illinois , Urbana), e STScI.

Einstein descobriu a equivalência de massa e energia. Em última análise, a matéria não difere da energia, mas a energia simplesmente assumiu um padrão específico por um tempo. A matéria é energia em uma forma tangível, ambas são estados diferentes de um único continuum, nomes diferentes para duas formas da mesma coisa.

Assim como o físico, o místico também é fascinado pela relação íntima entre matéria e energia, embora a descrição mística seja composta de uma chave diferente. A existência material emerge do *ayin*, a piscina de energia divina. Em última análise, o mundo não é diferente de Deus, pois esta energia divina está oculta dentro de todas as formas de ser. Se não estivesse oculta, não poderia haver existência individual; tudo iria se dissolver e voltar para a unidade, ou para o nada.



Em meados do século XVI, na cidade montanhosa de Safed na Galileia, o mais famoso cabalista que já viveu - Isaac Luria - ponderou sobre a criação e perguntou a si mesmo: "O que veio antes?" Ele acreditava que havia apenas *Ein Sof*, Deus como infinito, mas se *Ein Sof* permeava todo o espaço, como poderia haver espaço para outra coisa além de Deus? Luria concluiu que o primeiro ato de criação não foi a emanação, mas a retirada: "Antes da criação do universo, *Ein Sof* retirou-se em sua essência, a partir de si para dentro de si mesmo. Dentro de sua essência, ele deixou um espaço vazio, no qual poderia emanar e criar".

Isto é *tsimtsum*, que literalmente significa "contração", mas aqui sugere-se a retirada pela qual Deus abriu espaço para algo além de Deus. O vazio primordial criado por *tsimtsum* se tornou o local de criação: não maior do que um ponto infinitesimal em relação ao *Ein Sof*, mas espaçoso o suficiente para abrigar o cosmos. Mas o vácuo não estava realmente vazio: ele manteve um vestígio, um resíduo da luz de *Ein Sof*, assim como o vácuo precedente ao Big Bang não estava completamente vazio, mas sim um estado de mínima energia: transbordante de potencial criativo e de partículas virtuais.

À medida que *Ein Sof* começava a se desdobrar, um raio de luz canalizava-se para o vazio através de vasos. Tudo corria bem no início, mas alguns dos vasos, menos translúcidos, não conseguiam suportar a energia da luz e se quebravam. A maior parte da luz retornava à sua fonte infinita, ao "útero da mãe". Contudo, o resto, caindo como centelhas ao longo dos cacos dos vasos quebrados, foi eventualmente aprisionado na existência material. Nossa tarefa, de acordo com a Cabala, é libertar estas centelhas de luz e restaurá-las à divindade. Ao viver ética e espiritualmente, nós libertamos as centelhas resultando assim em *tikkun*, na "reparação" ou na retificação do cosmos.

Se os vasos não tivessem se quebrado, o nosso mundo da multiplicidade não existiria. Nós existimos porque perdemos nossa unidade. A cosmologia moderna tem uma teoria que faz um paralelo com a quebra dos vasos: a teoria da simetria quebrada.

A simetria pode ser instável. Imagine-se em um elegante jantar de casamento, sentando-se com uma dúzia de outros convidados em torno de uma mesa circular. Taças de champanhe foram colocadas precisamente entre cada prato de jantar e o próximo: perfeita simetria esquerda-direita. Um garçom enche os copos com champagne e todo mundo fica à espera de alguém para levantar a taça. Você está com um pouco de sede e, percebendo que as bolhas cor de rosa não vão durar para sempre, você decide tomar um gole. Mas qual taça de champanhe você deveria escolher? Não totalmente versado nas regras de etiqueta, você poderia facilmente escolher tanto a taça à sua esquerda como a da sua direita. De qualquer forma, assim que você alcançar um ou o outro, a simetria é quebrada. A não ser que todos façam o que você fez, alguém terá que se esticar através da mesa para pegar uma taça.

Vamos pegar um exemplo mais mundano. Imagine que você está segurando um punhado de lápis apontados em sua mão, firme o

suficiente para que eles permaneçam no mesmo lugar. Agora solte-os. Por um momento, os lápis permanecem equilibrados e rotativamente simétricos. Olhando de cima, você verá um círculo perfeito de borrachas de lápis. Mas a simetria é rapidamente quebrada, à medida que os lápis caem como um emaranhado de grossos bastões.

Os lápis são uma metáfora para a universo. O amontoado de lápis caídos é hoje o universo, enquanto o agrupamento simétrico é o universo em seu estado original. Um dos desafios da ciência é descobrir a simetria escondida dentro do emaranhado da vida comum.

O universo começou em um estado extremamente quente de extrema simplicidade e simetria. À medida que ele se expande e resfria, essa perfeita simetria é quebrada, dando origem ao mundo de diversidade e estrutura que habitamos.

Para nós, hoje, forças fundamentais da natureza parecem distintas: a gravidade, eletromagnetismo e outras duas forças conhecidas como forças nucleares forte e fraca. O equilíbrio entre estas forças determina a existência e o comportamento de tudo no universo visível. Originalmente todas as quatro forças estavam conectadas, e hoje os cientistas sonham em encontrar um único conjunto de equações que descrevam todas elas. Pela colisão de partículas subatômicas, os físicos descobriram que em temperaturas extremamente altas as diferenças entre as forças começam a desaparecer.

Mais um exercício de imaginação. Imagine-se viajando de volta no tempo, mais e mais perto do momento do Big Bang. Quanto mais longe você vai, mais quente e denso se torna o universo, e simetrias quebradas são restauradas. Você volta bilhões e bilhões de anos. Por fim, você alcança a menor fração de tempo que um físico pode imaginar: 10^{-48} segundos após o Big Bang, um décimo milionésimo de um trilionésimo de um trilionésimo de um trilionésimo de segundo após o início. Mais cedo do que isso é difícil de investigar por que a densidade da matéria se torna tão grande que a estrutura e talvez o significado de espaço e tempo entrem em colapso. Neste ponto, todas as interações entre as forças fundamentais são indistinguíveis. Simetria perfeita.

Como a simetria do início se tornou tão oculta ao longo de tempo? À medida que o universo se expande e começa a resfriar, a sua radiação e as partículas perdem energia. As várias forças tornam-se distintas.

Enquanto isso, a matéria também está perdendo sua unidade. No momento em que o universo tem apenas um bilionésimo de um segundo de idade, há quatro forças e duas dúzias de tipos de partículas elementares. Esta fratura da simetria cria as partículas de matéria e energia encontradas hoje ao nosso redor e dentro de nós.

Simetria perfeita soa atraente, mas é estéril. Se a força primária não tivesse se quebrado em quatro forças, o universo seria um lugar muito diferente, se ao menos existisse. Minúsculos desvios da completa uniformidade agora dão origem a núcleos, átomos e moléculas; e então, galáxias, estrelas, planetas e pessoas. Existimos hoje em nossa condição atual, com todas as nossas falhas e imperfeições, por cau-

Shevirah haKeilin - A Quebra dos Vasos. Pintura original a óleo de Vitória Franck Wetsch, SRC

sa da simetria quebrada, assim como a Cabala ensina que a nossa realidade confusa e deteriorada deriva da quebra dos vasos.

A simetria quebrada e a quebra dos vasos são teorias distintas, cada uma gerada por uma abordagem diferente para a questão da origem do universo. No entanto, sua ressonância é intrigante. A mente humana desenvolveu alternativas estratégicas - científicas e espirituais - para examinar a nossa origem. As duas são distintas, mas complementares. A ciência nos permite sondar as partículas infinitesimais de matéria e as profundezas inimagináveis do espaço exterior, compreendendo cada um à luz do outro, à medida que retraçamos o caminho de volta ao início. A espiritualidade nos guia através de espaço interior, desafiando-nos a refazer nosso caminho para a unidade e viver à luz do que descobrimos.

Como vimos, os místicos judeus imaginam centelhas divinas em todas as coisas que existem. Um cientista diria que há energia latente em partículas subatômicas. A tarefa espiritual é a de cultivar as centelhas, restaurar o mundo para Deus, se tornar consciente de que todas as coisas que fazemos, vemos, tocamos ou imaginamos é parte da unidade, um padrão de energia. Cultivar as centelhas é uma poderosa metáfora, que transforma a religião de uma lista de prós e contras ou uma lista de dogmas em uma aventura espiritual.

Deus não é um ser separado lá em cima. Ela está bem aqui, na casca de uma árvore, na voz de um amigo, nos olhos de um estranho. O mundo está repleto de Deus. Uma vez que Deus está em tudo, você pode servir a Deus por meio de tudo. Ao procurar a centelha divina nas coisas, descobrimos que o comum é espetacular. A ação sagrada é fazer o que precisa ser feito agora.

O mundo está fraturado, e Deus precisa de nós para consertá-lo. Consertando o mundo - social, econômica, politicamente - nós consertamos Deus, cujas centelhas se encontram espalhados em todos os lugares. Mas não devemos nos enganar. Nunca será um *tikkun* completo, uma reparação completa do mundo. As coisas nunca serão perfeitas. A sociedade nunca será completamente justa. Como tudo irá terminar? Existe um Messias vindo para nos redimir? Messias cativam nossa imaginação porque o mundo é tão injusto, a história é tão inconstante. Quando o Messias vier, nos é dito, tudo irá se endireitar: a boa vontade finalmente triunfará e o mal será eliminado. Isso seria bom, mas é assim que as coisas funcionam?

Qual é o futuro a longo alcance de nosso planeta, de acordo com a ciência? Aqui está a previsão:

Nosso sol está com aproximadamente cinco bilhões de anos - um sol de meia-idade e de confiança, mas daqui a cinco bilhões de anos, o combustível de hidrogênio no núcleo do sol vai acabar. O núcleo decairá, enquanto a atmosfera do sol se tornará uma nuvem radioativa, envolvendo vários planetas mais próximos, provavelmente incluindo a Terra. Gradualmente, a maior parte desta atmosfera desaparecerá, deixando uma bola quente e densa de matéria inerte.

A vida não chegará necessariamente ao fim. Até lá, os seres humanos, ou qualquer tipo de vida inteligente que evoluir a partir de nós, terá desenvolvido a tecnologia para se deslocar para outro sistema solar, mais seguro.

Enquanto isso, aqui estamos nós. Ainda temos um bom tempo até o ano cinco bilhões. Não haverá perfeição final. Ninguém tem o futuro organizado antecipadamente, nada é predestinado. O acaso irá desempenhar um papel importante na forma como as coisas irão se desenrolar, como sempre tem sido. Devemos aprender a negociar com o acaso. Devemos trabalhar em consertar a nossa própria fragilidade, o nosso tecido social, o nosso planeta, da melhor forma possível.

Em que tipo de Deus podemos acreditar? A palavra hebraica *emunah*, "crença", originalmente significa confiança e fidelidade, tanto humana como divina. Sem confiar em outra pessoa, não podemos amar, sem confiar nos outros, não podemos construir e sustentar a comunidade. Mas como podemos confiar no cosmos, ou nesse Deus de unidade?

Podemos confiar que somos parte de algo

maior: a vasta rede da existência em constante expansão e evolução. Quando olhamos para o céu noturno, podemos refletir que somos feitos dos elementos forjados dentro de estrelas, a partir de partículas nascidos no Big Bang. Podemos sentir que estamos olhando de volta para casa. Quanto mais olhamos para o espaço, mais vemos o passado. Se vemos uma galáxia a dez milhões de anos-luz de distância, estamos vendo como a galáxia era há dez milhões de anos: levou-se muito tempo para a sua luz chegar aqui. Além de qualquer estrela que possamos identificar, além de qualquer quasar, está o horizonte do espaço-tempo, a quatorze bilhões de anos-luz de distância, mas nem Deus nem o Big Bang estão tão longe assim. O Big Bang não aconteceu em algum lugar distante, fora de nós. Em vez disso, nós começamos dentro do Big Bang, nós agora incorporamos sua energia primordial. O Big Bang nunca mais parou.

Salvator Mundi. Do livro Símbolos Secretos dos Rosacruzes dos Séculos XVI e XVII, colorido a mão por H. Spencer Lewis

E quanto a Deus? Deus não é um objeto ou um destino fixo. Não há forma definitiva para chegar a Deus, mas, novamente, você não precisa alcançar algo que está em todos os lugares. Deus não está em outro lugar, escondido de nós. Deus está aqui, escondido de nós. Estamos escravizados por rotinas. Apressando-nos de acontecimento em acontecimento, de uma pequena tarefa para outra, raramente nos permitindo parar e observar o esplendor diante de nós. Nosso senso de admiração diminuiu, vitimado pelo nosso ritmo de vida.

Como podemos então encontrar Deus? Uma pista é proporcionada por um dos muitos nomes da *Shekhinah*, o aspecto feminino de Deus, a presença divina. Na Cabala ela se chama oceano, bem, jardim, pomar das maçãs. Ela é ainda chamada de *zot*, que significa simplesmente "isso". Deus está bem aqui, neste exato momento, revigorado e inesperado, surpreendendo-nos. Deus é *isso.* ✔

Pensamentos de *Saint Martin*

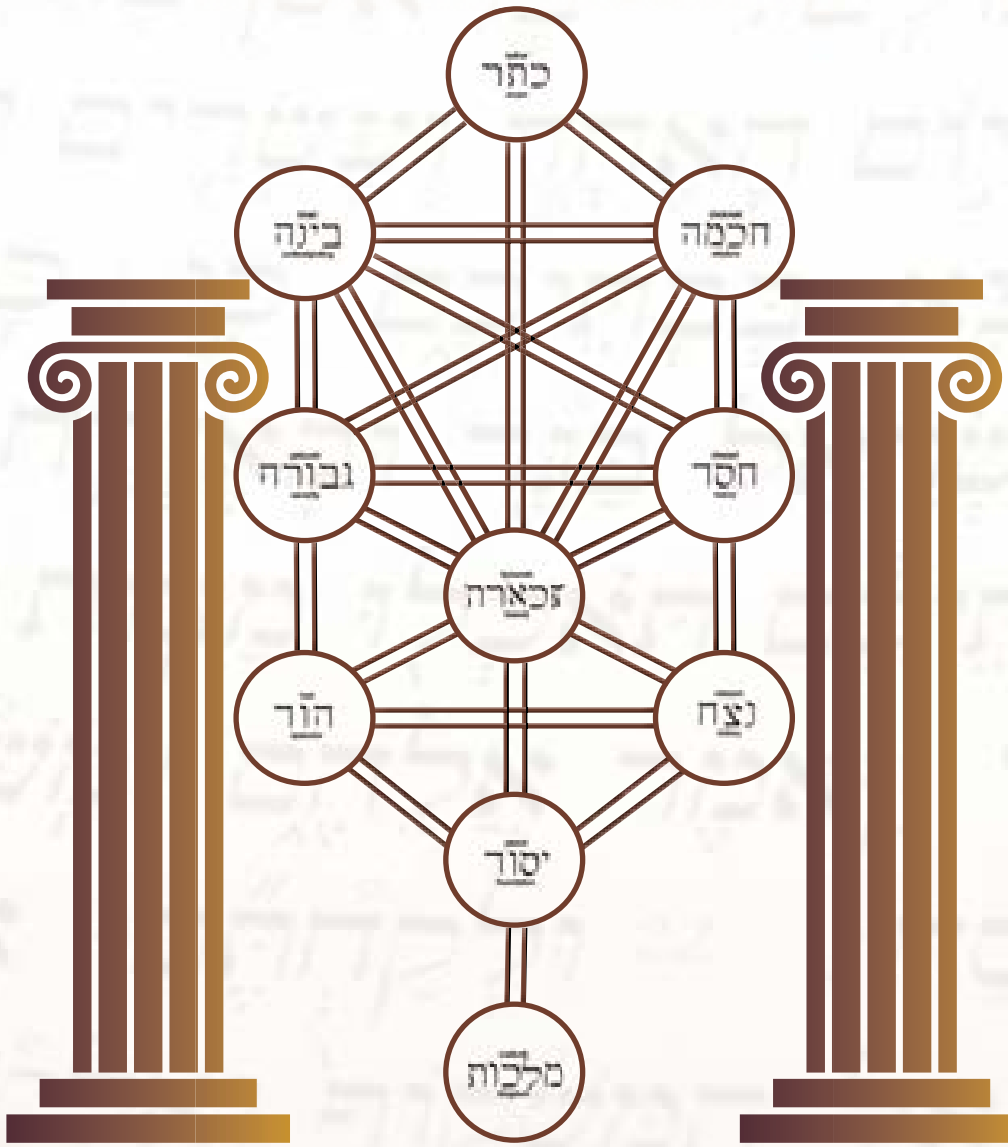
A única Iniciação que prego e que busco com todo ardor da minha alma é aquela pela qual podemos entrar no Coração de Deus e fazer entrar o Coração de Deus em nós…

Não existe outro mistério para chegar a esta Santa Iniciação, do que mergulharmos cada vez mais nas profundezas do nosso ser…

Saint-Martin

Mais Luz!

A ∴ L ∴ G ∴ D ∴ יהשוה G ∴ A ∴ D ∴ L ∴ U ∴



TRADICIONAL ORDEM MARTINISTA

Escaneie o QR Code abaixo e tenha acesso imediato ao livreto Luz Martinista, onde você mergulhará na fascinante história da Ordem Martinista. Prepare-se para uma jornada transformadora rumo à iluminação e ao despertar do seu potencial interior.